

AUTOR DO MÊS



magru floriano

AUTOR DO MÊS

**coletânea de textos publicados na revista
LITERATURA PAPA-SIRI**

Editora Brisa Utópica

Capa

Arte de Magru Floriano sobre desenho do aluno Rafael feito no ano de 2008.

Referência bibliográfica

FLORIANO, Magru. **Autor do mês**: coletânea de textos publicados na revista Literatura Papa-siri. Itajaí: Brisa Utópica, 2022.

Agradecimento

Ao amigo e editor da revista Literatura Papa-siri ADILSON AMARAL pela oportunidade de fazer parte deste projeto editorial histórico para a literatura itajaiense.

Dedicatória

Dedico este trabalho ao amigo e parceiro na luta pela divulgação da literatura itajaiense ODILON FEHLAUER

APRESENTAÇÃO

A presente obra visa resgatar os textos que elaborei para serem publicados na revista Literatura Papa-siri, entre março de 2001 e abril de 2004, sempre como título de ‘Autor do mês’. O escopo do projeto era apresentar a obra e currículo de um autor itajaiense por edição, apresentando junto com os dados do escritor um breve texto selecionado de forma a que pudesse ser utilizado em sala de aula pelos professores de Língua Portuguesa dos primeiro e segundo graus. Aproveitando ainda a oportunidade complementei o livro com os demais textos – poesias e crônicas – que também foram publicadas na revista até o ano de 2007.

A revista Literatura Papa-Siri tinha o pequeno formato de meia página sufite - 15cm x 21 cm, sendo impressa em off-set de mesa pela Editora e Gráfica Amaral Ltda [Alternativa Editora] - do consagrado escritor e jornalista Adilson Amaral. Visava, sobretudo, o público estudantil. Promovendo parcerias com as redes estadual, municipal e de escolas particulares, Adilson pretendia tornar os autores itajaienses mais lidos e mais conhecidos. Foi, sem sombra de dúvida, um projeto de sucesso, percorrendo o longo trajeto de 2001 a 2008, perfazendo uma coleção de cerca de setenta exemplares.

Não obstante a série intitulada ‘Autor do mês’ encerrar, sob o meu comando, no ano de 2004, continuei contribuindo com outros escritos para a revista, enquanto o próprio Adilson Amaral ficou encarregado de apresentar todo mês uma entrevista com um escritor ou promotor cultural no espaço então deixado por mim. A base de dados que utilizei para confeccionar esses textos foi a mesma que serviu para elaborar o livro ‘Quem escreve em Itajaí – indicador da literatura e jornalismo da Região da Grande Itajaí até 2000’, publicado em 2002, com o patrocínio do escritório regional da Petrobras.

Um grande incentivador do projeto de levar os autores para as escolas foi Rafael Moura de Moraes, gerente do Programa de Leitura de Itajaí, conhecido como PROLEI. Ele foi incansável na causa de fazer a literatura local ganhar espaço junto aos leitores jovens, abrindo, de todas as formas possíveis e imagináveis, as portas das escolas da rede municipal de ensino. O PROLEI e a revista LITERATURA PAPA-SIRI foram projetos que deram grande destaque à literatura local. Não tiveram, contudo, continuidade adequada. Naquele momento, enquanto a Editora Alternativa elaborava bom material de divulgação, a AIL – Academia Itajaiense de Letras – reunia os escritores em uma entidade de classe, a Prefeitura de Itajaí estabelecia uma política pública de incentivo às publicações de livros, as escolas abriam as portas para receber os escritores. Um momento único para nossa literatura.

ÍNDICE

1 - LAUSIMAR LAUS	6
2 - OS KONDER E A LITERATURA – parte I	8
3 – LUIZ FELIPE DE ALENCASTRO	10
4 – ÁLVARO CASTRO	12
5 – ANTÔNIO CARLOS FLORIANO	14
6 – ARNO MELO SCHLICHTING	16
7 – OS KONDER E A LITERATURA – parte II	18
8 – BENTO NASCIMENTO	20
9 – DIDYMEA LÁZZARIS DE OLIVEIRA	22
10 – LIANE DOS SANTOS	24
11 – SILVEIRA JÚNIOR	25
12 – EDISON D’ÁVILA	27
13 – ANDRÉ PINHEIRO	29
14 – ROSA DE LOURDES VIEIRA SILVA	31
15 – ANA BRANCA MAIA CARDOSO	33
16 – ODILON FEHLAUER	35
17 – MARLENE ROTHBARTH	37
18 – LÊDA MROWINSKI	39
19 – ADILSON AMARAL	40
20 – MAGRU FLORIANO	42
21 – GENÉSIO ADOLFO	44
22 – FABIANA SANDRI	46
23 – EDITE EDELTRAUD POST ALVES	48
24 – TEXTOS DIVERSOS	50

LAUSIMAR LAUS – UMA INTELLECTUAL COMPLETA

[FLORIANO, Magru. *Lausimar Laus – uma intelectual completa*. **Literatura Papi-Siri**, n.1, p. 21-22, mar. Itajaí: Alternativa Editora. 2001. Alterado em jul/2022]

Perguntar aos itajaienses sobre os filhos ilustres da terra é esperar ter como resposta o nome de algum político: Marcos Konder, Lauro Müller, Irineu Bornhausen etc. Os políticos formam uma unanimidade na Consciência Coletiva do povo itajaiense, que sequer tem olhos para ver filhos ilustres da Pequena Pátria que brilharam na literatura nacional. E olha que não faltam nomes: Marcos Konder Reis, Alexandre Konder, Arnaldo Brandão, Lausimar Laus, Osny Duarte Pereira, são alguns deles.

Lausimar Laus, por exemplo, pode ser considerada uma intelectual completa. Foi jornalista conceituadíssima em nível nacional, escrevendo para jornais como O Estado de São Paulo, Correio do Povo, Jornal do Comércio, Correio da Manhã e Jornal do Brasil. Também publicou suas crônicas e artigos na revista O Cruzeiro, que dava destaque ao seu trabalho literário.

A menina simples que nasceu na Barra do Rio no ano de 1916 e frequentou com determinação os bancos do Grupo Escolar Vitor Meirelles, chegou a receber o título de doutora em Letras da Universidade de Madri – Espanha. Entre os muitos prêmios que recebeu, vale destacar o prêmio Odorico Mendes, da Academia Brasileira de Letras, pela melhor tradução do ano.

Na literatura Lausimar Laus escreveu de romances a poesias, de crônicas a histórias infantis, de contos a ensaios. Em Itajaí, escreveu no jornal Notícia Escolar (jornal do colégio Vitor Meirelles), Jornal do Povo e no Anuário de Itajaí de 1959. O livro mais conhecido de Lausimar Laus é ‘O guarda-roupa alemão’, publicado pela editora Pallas e o Ministério da Educação.

A própria Academia Brasileira de Letras reconheceu mais uma vez o seu talento literário publicando, em 1953, a obra ‘O romance regionalista brasileiro’ e, a Academia Itajaiense de Letras escolheu Lausimar Laus como patrona da cadeira de número seis, ocupada pelo acadêmico Arno Schlichting. Lausimar faleceu na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1979.

Lausimar Laus escreveu e publicou muito. Veja o inventário de sua obra:

- Confidências. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1942.
- Histórias do Mundo Azul. 1948.
- Brincando no Olimpo. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1953.
- O Romance Regionalista Brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1953.
- O Sonho de Candoquinha. Rio de Janeiro: Min. da Agricultura, 1955.
- Fel da Terra. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1958.
- Europa Sem Complexos. Rio de Janeiro: Pongetti, 1965.
- Tempo Permitido. Rio de Janeiro: Americana, 1970.
- O Guarda-Roupa Alemão. 1ed. Rio de Janeiro: Pallas/MEC, 1975.
- A Presença Cultural da Alemanha no Brasil. Florianópolis: Lunardelli, 1976.
- O Mistério do Homem na Obra de Drummond. 1978.
- Ofélia dos Navios. Florianópolis: Lunardelli, 1983.
- O Guarda-Roupa Alemão. 2ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989.
- O Guarda-Roupa Alemão. 3ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989.
- O Guarda-Roupa Alemão. 4ed. Florianópolis: EdUFSC, 2005.
- O Guarda-Roupa Alemão. 5ed. Florianópolis: EdUFSC, 2007.
- História para os meus alunos.
- No Mundo das Carinhas Miúdas.
- Aventuras do Zé colaço. Rio de Janeiro: Pongetti, s.d.

OS KONDER E A LITERATURA – parte I

[FLORIANO, Magru. *Os Konder e a literatura – parte I. Literatura Papa-Siri*, n.2, p. 21-22, abr. Itajaí: Alternativa Editora. 2001. Alterado em jul/2022]

Falar do nome Konder é falar de política. Mas, ao contrário do que muita gente pensa, os integrantes da oligarquia Konder Bornhausen não atuaram com exclusividade no setor político. Muitos de seus membros conciliaram a atividade política com o jornalismo e, até mesmo, com a literatura. Alguns, como é o caso de Marcos José Konder Reis, se dedicaram quase em tempo integral à literatura.

Quando a esposa de Markus Konder, Corina Régis Konder (Sinhá Konder) resolveu migrar para o Rio de Janeiro fugindo dos problemas advindos com a Revolução de Trinta, entrou em contato com uma plêiade de homens de esquerda, chegando até mesmo a ser amiga do líder comunista Luis Carlos Prestes. Por isso mesmo, o ramo da família que se formou no eixo Rio-São Paulo se identificou mais com o discurso ideológico da esquerda, oferecendo grandes nomes para o jornalismo e as letras do Brasil, como Rodolfo Konder, Leandro Konder, Fábio Konder Comparato e Victor Márcio Konder. Uma exceção ideológica parece ser o romancista e jornalista Alexandre Konder – adepto do Integralismo de Plínio Salgado. A parte da família que continuou atuando no cenário da política catarinense também optou pelo viés à direita, apoiando a Ditadura da Arena de 64.

A verdade é que, independente da orientação ideológica que os membros da família Konder adotaram nas suas atividades políticas, um número expressivo deles manteve também uma intensa vida intelectual e literária. Por isto mesmo, a partir desta e nas próximas edições da Revista Papa-Siri estaremos fazendo uma síntese da vida e obra de alguns integrantes da família Konder:

1 – ADHOLFO KONDER: Nasceu na cidade de Itajaí no dia 16 de fevereiro de 1884, vindo a falecer na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1956. Redator e secretário do jornal *Novidades*, que ajudou a fundar no ano de 1904 com Tibúrcio de Freitas. Membro da Academia Catarinense de Letras e patrono da cadeira número 26 da Academia Itajaiense de Letras. Foi deputado federal, senador, diplomata, secretário de Estado e governador de Santa Catarina entre 28 de setembro de 1926 e 29 de setembro de 1930. Conhecido por sua oratória e por constituir-se em um verdadeiro protetor dos intelectuais que sofriam discriminação por suas ideias políticas e sociais. Escreveu:

- A necessidade do reflorestamento.
- O trigo na economia catarinense.
- A isenção do serviço militar e a dupla nacionalidade. Rio de Janeiro: Lux, 1924.
- Programa de governo – 1926.
- Pontos de um programa. Florianópolis: Moderna, 1926.

2 – ANTÔNIO CARLOS KONDER REIS: Ensaísta, orador, museólogo. Nasceu na cidade de Itajaí no ano de 1925. Membro da Academia Catarinense de Letras, onde ocupou a cadeira de número 23 desde o ano de 1983. Orador conceituado nacionalmente, foi deputado federal, senador e governador de Santa Catarina. Vice-presidente do Senado da República, revisor geral da Constituição Brasileira de 1967, relator-adjunto da Constituição Federal de 1988. Colaborou com artigos no jornal semanal O Tempo e no livro organizado por Lindinalva Deolla ‘Itajaí – imagens e memória’. Escreveu:

- Adolpho Konder. Florianópolis: Secom, 1984.
- Em defesa da colonização alemã. Fpolis: Catarinense, 1949.
- Missão na ONU. Brasília: Imprensa Nacional, 1964.
- Missão em Nova Delhi. Brasília: G. Senado, 1968.
- Problemas da pesca. 1971.
- A propósito dos rumos do desenvolvimento brasileiro. 1971.
- Abertura e desenvolvimento político. Brasília: Senado, 1972.
- O imposto de vendas e consignações. 1948.
- O papado através da história. 1950.
- Relatório sobre o projeto de Constituição do Brasil. 1967.
- Encurtando distâncias 1. Florianópolis: IOESC, 1977.
- Encurtando distâncias 2. Florianópolis: IOESC, 1977.
- Encurtando Distâncias 3. Florianópolis: IOESC, 1979.
- Encurtando Distâncias 4. Florianópolis: IOESC, 1979.
- ONU – 1972. Brasília: Senado, 1973.
- Discurso na posse de Antonio Carlos Konder Reis na Academia Catarinense de Letras. Florianópolis: ACL, 1983. (com Silveira Júnior)

3 – GUSTAVO KONDER: jornalista. Nasceu na cidade de Itajaí no dia 29 de julho de 1905. Colaborou com o Jornal do Povo na década de setenta, escrevendo o artigo ‘Balneário de Cabeçadas’, onde relata como seu pai, o prefeito Marcos Konder, criou o primeiro balneário de Santa Catarina. Este artigo, que a Revista Papa-Siri reproduz nesta edição, integra também o livro que a Academia Itajaiense de Letras estará lançando no mês de junho, durante as solenidades alusivas ao aniversário da cidade de Itajaí, intitulado: De Itajahy a Itajaí: cem anos de prosa. Gustavo também colaborou no debate sobre a Fundação de Itajaí, publicou artigos nos Anuários de Itajai e atuou ativamente na imprensa da cidade de Blumenau.

LUIZ FELIPE ALENCASTRO: UM PAPA-SIRI EM PARIS

[FLORIANO, Magru. *Luiz Felipe Alencastro: um papa-siri em Paris*. **Literatura Papa-Siri**, n.3, p. 21-22, mai. Itajaí: Alternativa Editora. 2001. Alterado em jul/2022]

Estudando os currículos dos filhos de Itajaí os deparamos com certa facilidade com histórias de sucesso em praticamente todas as atividades. Temos ministros, generais e até marechal; embaixadores e membro da Academia Brasileira de Letras; jornalistas e poetas, com seus nomes projetados nacionalmente. Mas na história recente de nossa cidade a trajetória de sucesso empreendida por Luiz Felipe de Alencastro é digna de registro.

Luiz Felipe integra um grupo selecionadíssimo de intelectuais que tem o privilégio de escrever seus artigos para a Revista Veja (a maior e melhor revista nacional). Ele divide a seção Ponto de Vista com verdadeiros ícones da intelectualidade brasileira, como é o caso de Roberto Campos e Stephen Kanitz. Seu artigo é publicado sempre na primeira semana do mês, sendo que, a Veja, publicou, no último dia dois de maio, um artigo intitulado de ‘A crise do Senado’. Nele, Luiz Felipe analisa o enfraquecimento do Congresso como instituição democrática, se tornando uma casa cheia de ‘clientelismo’ frequentada por lideranças ‘mediócras’. Seu texto é extremamente crítico, não poupando sequer o presidente da República. Utilizando dados sobre a história recente do Brasil, evidencia o deterioramento desta casa legislativa e sua relação de servilismo com o Poder Executivo.

Luiz Felipe Alencastro nasceu na cidade de Itajaí no ano de 1946, sendo membro da tradicional família Cesário Pereira. Seu pai, Felipe Alencastro, médico oriundo da cidade de Goiás Velho, chegou a exercer a medicina em Itajaí, sendo um dos primeiros diretores do Hospital Marieta Konder Bornhausen. Luiz Felipe estudou até o curso ginasial no Colégio Salesiano de Itajaí e se formou em História e Ciências Políticas na Universidade de Aix-em-Provence – França. Ensinou nas universidades de Rouen e Paris-Vincennes. Desde o ano de 1986 é professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Estudioso da História do Brasil, muito requisitado para palestras e conferências, mudou-se recentemente para Paris, onde ocupa o cargo de pesquisador da cátedra de

História do Brasil da Universidade de Paris-Sorbonne. No Brasil continua respondendo como pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP.

Recentemente ganhou destaque na imprensa nacional devido ao lançamento do seu livro ‘Império – a corte e a modernidade nacional’. Este livro integra a conceituada coleção ‘História da vida privada no Brasil’, sendo seu segundo volume. Escreveu:

- “História da Vida Privada no Brasil”, v. II “*Império: a corte e a modernidade nacional*”, Companhia das Letras, São Paulo, 1997 (organizador e redator de textos).
- “Um estadista do Império”, in L. Dantas Mota, *Introdução ao Brasil – Um banquete nos trópicos*, São Paulo, 1999..
- “*O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*”, Companhia das Letras, São Paulo, 2000;
- *Rio de Janeiro, ville métisse, Rio de Janeiro, cidade mestiça*, Ed. Chandeigne, Companhia das Letras, Paris-São Paulo, 2001 (co-autor) [fonte wikipédia].

ÁLVARO CASTRO – UM PAPA SIRI NOS GARIMPOS DA AMAZÔNIA

[FLORIANO, Magru. *Álvaro Castro: um Papa-Siri nos garimpos da Amazônia. Literatura Papa-Siri*, n.4, p. 21-22, jun. Itajaí: Alternativa Editora. 2001. Alterado em jul/2022]

Poucas são as pessoas que transformam suas vidas em uma aventura digna de ser contada nas páginas de um livro. A vida de Álvaro Castro tornou-se uma aventura cuja versão literária conta com mais de trezentas páginas – Blefo e Bamburro.

Advogado formado pela Fepevi (atual Univali), reconhecido como profissional competente em Itajaí e depois Criciúma, no início da década de oitenta Álvaro Castro resolveu jogar tudo para o alto para tentar a sorte nos garimpos de ouro da Amazônia Brasileira. No município de Itaituba – Pará - além de se envolver diretamente na perigosa atividade de garimpagem, se elege vereador e presidente da Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil. Após quase uma década, retorna à Itajaí, onde vai abandonando gradativamente a profissão de advogado e preparando uma nova e apaixonante aventura: ser escritor.

Álvaro Castro é poeta, romancista, articulista, cronista. Nasceu na cidade de Itajaí no dia dois de fevereiro do ano de 1950, sendo membro fundador da Academia Itajaiense de Letras, onde responde pelo cargo de secretário geral e ocupa a cadeira número dois, cujo patrono é o escritor Norberto Cândido Silveira Júnior. Foi assessor jurídico da Fundação Cultural de Itajaí, funcionário da Casa da Cultura Dide Brandão e, é reconhecido como ‘o pai da Lei de Incentivo à Cultura de Itajaí’.

Tem crônicas e artigos publicados nos jornais: Diário da Cidade, Jornal da Cidade de Itajaí (suplemento do Jornal de Santa Catarina), A Folha Regional, Correio, Diário do Litoral e Tribuna de Itaituba. Assinou a coluna ‘Pensando Bem’ no jornal Tribuna Itajaiense e participou das duas antologias da Academia Itajaiense de Letras intituladas ‘De Itajahy a Itajai – cem anos de poesia’ e ‘De Itajahy a Itajaí – cem anos de prosa’. Tem trabalho publicado no Anuário de Itajaí e é o editor da consagrada e longeva revista Sopa de Siri – voltada exclusivamente à divulgação do setor cultural de nossa região.

Álvaro Castro tem uma determinação invejável quando o objetivo do empreendimento é divulgar e estimular a produção artística no Município de Itajaí e região. Por isto mesmo é o escritor que mais participa do projeto que a Academia Itajaiense de Letras montou em parceria com a Editora Alternativa: ‘Debate-papo com o autor’ – projeto que visa levar os escritores locais para proferirem palestras, gratuitamente, nas escolas do ensino fundamental.

Visando estimular a produção e divulgação da arte na cidade de Itajaí, Álvaro Castro resolveu estender suas atividades ao rádio. Neste setor, promoveu, através da Rádio Difusora de Itajaí, o programa cultural ‘Papa-Siri’ e o programa de entrevistas ‘Quem é Quem’. Recentemente transferiu o programa ‘Papa-Siri’ para a Rádio Comunitária Luz do Amanhã.

Em 1998 publicou o seu primeiro romance intitulado ‘Blefo e bamburro – emoções e perigos nos garimpos de ouro do Brasil’, onde relata suas aventuras pelos garimpos da selva amazônica, ganhando projeção internacional, recebendo críticas positivas de diversos autores portugueses. Agora, está ultimando detalhes da segunda edição do livro, que pretende distribuir em nível nacional. Álvaro Castro não esconde seu grande sonho: ver o livro ser levado para as telas do cinema.

No ano passado Álvaro Castro publicou um segundo romance intitulado ‘O jogo da verdade’. E como é de costume, aproveitou as páginas finais do livro para revelar novos poetas, divulgando os trabalhos de Ana Bela Machado, André Pinheiro, Eliss de Castro, Fátima Vanzuita, Marilene Anacleto, Mary, Milene Fernandes dos Santos, Robson de Moura, Rúbia Ramos e Tatiane Santos da Rosa. Além dos poetas já publicados, como: Domingos Dossantos, Eduardo Meneghelli Júnior, J. C. Ramos filho, Jorge Mileto de Miranda. Publicou:

- Blefo e bamburro.1. ed. Itajaí: Visual, 1998.
- Blefo e bamburro. 2. Ed. Itajaí: Visual, 2002.
- Blefo e bamburro. 3. Ed. Blumenau: Nova Letra, 2004.
- O jogo da verdade. Itajaí: Reviva, 1999.

ANTÔNIO CARLOS FLORIANO – UM PAPA-SIRI NO JAPÃO

[FLORIANO, Magru. *Antônio Carlos Floriano – um papa-siri no Japão*. **Literatura Papa-Siri**, n.5, p. 21-22, jul. Itajaí: Alternativa Editora. 2001. Alterado em jul/2022]

O poeta Antônio Carlos Floriano nasceu no bairro São João no ano de 1961. A exemplo dos escritores Bento Nascimento, Magru Floriano e Adilson Amaral, também estudou no Colégio Henrique da Silva Fontes, sendo que esta vivência de criança de periferia está muito presente em seu trabalho literário:

Na rua José Quirino,
Crescemos como meninos
Travessos como ninguém.
A gente jogava bola,
No pátio lá da escola,
O grupo do São João ...

Antônio Carlos Floriano é membro fundador da Academia Itajaiense de Letras e funcionário de carreira da Fundação Cultural de Itajaí, instituição que presidiu em 1998. Atualmente responde pelo cargo de Diretor de Eventos desta fundação, contribuindo de forma decisiva para a viabilização de diversos projetos culturais, como é o caso do jornal literário ‘O papa-siri’ e o ‘Festival da Música Cidade de Itajaí’ – realizado desde o ano de 1998 entre os meses de agosto e setembro.

Seu nome também está intimamente vinculado a dois projetos de grande significado para a literatura itajaiense: o primeiro deles é a ‘janela poética’ - que consistia na afixação de painel em forma de janela nos corredores das escolas onde os poetas podiam expor livremente suas obras; o segundo, é ‘A poesia pega o ônibus’ – que vem sendo posto em prática desde 1999 e consiste em afixar nas janelas dos ônibus da empresa Coletivo Itajaí adesivos contendo poesias de autores locais e nacionais.

Antônio Carlos Floriano tem trabalhos publicados no jornal literário ‘O papa-siri’, no ‘Anuário de Itajaí’ e na antologia ‘De Itajahy a Itajaí – cem anos de poesia’ – publicada em 1999 pela Academia Itajaiense de Letras. O escritor conviveu pelas ruas do bairro São João com o poeta Bento Nascimento, sendo que deste convívio surgiu, no ano de 1989, o livro ‘Celacanto’. Este trabalho foi prefaciado pelos poetas itajaienses

Marcos José Konder Reis e Liane dos Santos, ambos radicados atualmente na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1999 Antônio Carlos Floriano publicou seu segundo livro de poesias, intitulado 'Cadernos do Japão' que mostra em versos sua vivência naquele país oriental. Em suas páginas Floriano apresenta versos mais densos e aprimorados, mostrando um amadurecimento poético extraordinário, sem, contudo, abandonar seus valores e raízes.

... mas minha casa
Está no luar de sempre
No país de sempre
E eu sempre saberei o endereço
O portão me aguarda no retorno ...

Publicou:

- Pobre flor. 1988.
- Celacanto. 1ed. Itajaí: Elbert, 1989. (coautoria de Bento Nascimento).
- Cadernos do Japão. São Paulo: Nassao Ohno, 1999.
- Carpintaria das Ribeiras do Rio Itajaí-açu. Itajaí: Oficina da Palavra, 2001. (com Ronaldo Silva/Antonio Carlos Cunha).
- Antonio Carlos Floriano: poesia. Itajaí: Oficina da Palavra, 2003.
- Celacanto. 2.ed. Itajaí: [...], 2010. (coautoria de Bento Nascimento).
- Hanami.

ARNO MELO SCHLICHTING

[FLORIANO, Magru. *Arno Melo Schlichting. Literatura Papa-Siri*, n.6, p. 21-22, ago. Itajaí: Alternativa Editora. 2001. Alterado em jul/2022]

Arno Melo Schlichting está sempre em atividade, nunca fica parado. É como diz o ditado popular: ‘Descansa carregando pedra’. Sua força de vontade faz com que tenha sucesso em todos os seus empreendimentos, mesmo em setores muito distintos como engenharia, direito, educação e literatura. Nascido a oito de novembro do ano de 1947 em Bocaina do Sul, então distrito do Município de Lages, Arno é membro-fundador da Academia Itajaiense de Letras e sua obra é conhecida em todo o estado de Santa Catarina.

Formado em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 1975, entrou para os quadros do funcionalismo público estadual na cidade de Campos Novos onde ocupou o cargo de engenheiro-chefe distrital do Departamento Autônomo de Edificações. Depois, Arno trabalhou na cidade de Chapecó onde respondeu pela função de engenheiro fiscal na construção do Hospital Regional de Chapecó.

Radicado em Itajaí desde 1986, Arno se graduou em Direito pela Univali, instituição onde cursou pós-graduação em Didática, bem como o Curso de Mestrado em Ciência Jurídica. É professor de Direito na Univali desde o ano de 1993. Ele tem três romances publicados, sendo que dois deles levam o selo da conceituadíssima Editora e Livraria Lunardelli. O primeiro livro publicado foi *Construção*, datado de 1985, e prefaciado pelo afamado escritor Celestino Sachet, que sentencia: ‘Aos poucos, o jovem escritor do Oeste vai construindo uma obra ficcional que já começa a despertar a atenção da crítica e dos leitores.’

No ano seguinte, 1986, Arno lançou o romance ‘Canção de Ninar’, também pela Editora Lunardelli. Este segundo livro o consagra em nível estadual e seu sucesso leva o autor a escrever compulsivamente nos meses que seguem ao lançamento. Assim, novamente após um ano, Arno já estava publicando um novo romance – intitulado ‘A filha da natureza. O livro foi prefaciado pela escritora itajaiense Rosa de Lourdes Vieira

Silva e apresenta um romancista maduro, que domina por completo a arte da ficção – romance.

Após o lançamento do terceiro romance, apesar do sucesso que obteve em todo o Estado de Santa Catarina, Arno resolveu parar de editar seus trabalhos, não obstante continuar escrevendo. Por isso mesmo ele tem pronto para publicação, na gaveta de seu escritório, um livro de poesia, que garante publicar no máximo até o próximo ano. Tem também os originais do seu primeiro romance, intitulado de ‘As marionetes’, que apesar de receber crítica favorável de Celestino Sachet, preferiu não publicar. Segundo seu testemunho pessoal, já mexeu no livro em nove oportunidades e, agora, considera que o livro está pronto para ser publicado. O manuscrito original de ‘As marionetes’ é datado de 1981 e é a testemunha do conflito criativo entre Arno jovem, iniciante na arte literária e, o escritor maduro, professor universitário, mestre em Direito. Tem artigos publicados em anais de congressos nacionais, na Revista Virtual de Arte e Cultura [2004], Novos Estudos jurídicos [2002], no Jornal de Itajaí [2002], O Papa Siri [2001], Rota do Conhecimento [1998], Jornal Vale do Itajaí [1990], Jornal de Santa Catarina [1989]. Foi membro da Comissão Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Itajaí, sendo seu presidente no ano de 1989.

Publicou:

- Construção. Florianópolis: Lunardelli, 1985.
- Canção de ninar. Florianópolis: Lunardelli, 1986.
- A filha da natureza. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- Teoria geral do processo: concreta. Objetiva. Atual. Vol I. Florianópolis: Momento Atual, 2002.
- Teoria geral do processo: concreta. Objetiva. Atual. Vol 2. Florianópolis: Momento Atual, 2002.
- O Estudo, a ciência e a Teoria Geral do Direito (introdução): uma abordagem ético-moral / lógico-filosófica. 1.ed. Florianópolis: Momento Atual, 2003.
- As marionetes [romance - não publicado]

OS KONDER E A LITERATURA – II

[FLORIANO, Magru. *Os Konder e a literatura – parte II – Marcos Konder Reis. Literatura Papa-Siri*, n.7, p. 21-22, set. Itajaí: Alternativa Editora. 2001. Alterado em jul/2022]

A família Konder se destacou em praticamente todas as atividades, emprestando ao Brasil inúmeros talentos. Marcos Konder Neto, por exemplo, foi o arquiteto que projetou o monumento em homenagem aos pracinhas da Segunda Grande Guerra, no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro. O Brasil há muito se rendeu à arte de fazer política dos Konder (e isto vale tanto para a esquerda quanto para a direita). É o caso de Jorge Konder Bornhausen, Antônio Carlos Konder Reis, Leandro Konder e Fábio Konder Comparato. O mesmo também ocorreu no jornalismo e literatura com Gustavo Konder, Alexandre Konder e Márcio Victor Konder. Contudo, na literatura, o mais destacado dos Konder foi, sem dúvida, Marcos José Konder Reis, considerado por muitos como o maior poeta itajaiense. Também escreveu contos, novela, crônicas, pensamentos e peças teatrais.

O nome de Marcos Konder Reis está presente em todas as obras que estudam a literatura catarinense. Lauro Junkes, na obra ‘A literatura de Santa Catarina’ afirma: ‘Marcos Konder Reis define-se modernista desde a estréia. Sua vasta produção poética, enveredando por uma linguagem cada vez mais complexa e mesmo abstratizante, privilegiando a expressão simbólica e metafórica, abrange várias linhas temáticas [...]’. Já Celestino Sachet no livro ‘A literatura catarinense’ relaciona o autor itajaiense entre os pós-modernistas e afirma que Marcos ‘Tem poemas publicados em várias antologias da poesia brasileira e outras editadas na Europa, na América do Norte e do Sul’. Antônio Hoflfeldt no livro ‘A literatura catarinense em busca de identidade: a poesia’ dedicou mais de trinta páginas para analisar a obra de Marcos Konder Reis, o que por si só evidencia a importância da obra do escritor itajaiense para a literatura catarinense e brasileira.

Marcos nasceu em Itajaí no dia quinze de dezembro de 1922, filho do casal Osvaldo Reis e Elizabeth Konder Reis, vindo a falecer no último dia onze de dezembro de 2001, na cidade do Rio de Janeiro, onde estava radicado desde a juventude. Foi justamente no Rio de Janeiro que fez história integrando, ao lado de grandes nomes da

literatura nacional (Ferreira Gular, Afonso Romano ...) o grupo neomodernista conhecido como a Geração de 45.

Apesar de ter se formado engenheiro, em 1944, pela Escola Nacional de Engenharia do Rio de Janeiro, Marcos era essencialmente um poeta, e a prova disto é a vasta obra literária que deixa como legado:

- Intróito. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1944.
- Tempo e Milagre. Rio de Janeiro: Pongetti, 1944.
- David. Rio de Janeiro: Pongetti, 1946.
- Apocalipse. Rio de Janeiro: Pongetti, 1947.
- Menino de Luto. Rio de Janeiro: Pongetti, 1947.
- Praia Brava. Rio de Janeiro: Cátedra, 1947. [1 ed.].
- Praia Brava. Rio de Janeiro: Cátedra, 1950. [2.ed]
- O Templo da Estrela. Rio de Janeiro: Pongetti, 1948.
- Herança. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.
- O Muro Amarelo. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1965.
- Armadura do Amor. Rio de Janeiro: Orfeu, 1966.
- Praça da Insônia. Rio de Janeiro: Orfeu, 1968.
- O Pombo Apunhalado. Rio de Janeiro: Orfeu, 1968.
- Teoria do Vôo. Rio de Janeiro: Orfeu, 1969.
- Antologia Poética. Rio de Janeiro: Leitura, 1971.
- A Figueira Maldita. Rio de Janeiro: Cátedra, 1972.
- Caminho de Pandorgas. Rio de Janeiro: Ebrasa, 1972.
- Sol dos Tristes e Caporal Douradinho. Rio de Janeiro: Martins; Brasília: MEC, 1976.
- Santa Catarina – terra e gente. Coleção “Imagem do Brasil”. Rio de Janeiro: Image, 1976. [com Hoyêdo de Gouvêa Lins e Domingos Cavalcanti].
- Santa Catarina – land und leute. Coleção “Imagem do Brasil”. Rio de Janeiro: Image, 1976. [com Hoyêdo de Gouvêa Lins e Domingos Cavalcanti].
- Campo de Flechas. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.
- O Irmão da Estrada. Florianópolis: Lunardelli/INL, 1979.
- Sete Agonias. Florianópolis: Lunardelli, 1982.
- A Bola Encantada. Rio de Janeiro: Cátedra, 1983.
- Praia Brava. Rio de Janeiro: Cátedra/INL, 1983. [3 ed.]
- Sete Irmãos Macabeus. Rio de Janeiro: Sanfona, 1985.
- A Cruz Vazia na Encruzilhada. Rio de Janeiro: Cátedra, 1985.
- O Vagabundo Iluminado. Rio de Janeiro: Cátedra, 1986.
- Três Partituras. Rio de Janeiro: Cátedra, 1988.
- Brasil Quando José. Rio de Janeiro: Cátedra, 1988.
- Antologia Poética (seleção de Walmir Ayala). Rio de Janeiro: Ediouro, 1992. [1 ed]
- Antologia Poética (seleção de Walmir Ayala). Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. [2 ed]
- Marcos Konder Reis – poesia. Itajaí: Oficina da Palavra, 2003. [antologia].
- Um privilégio de pássaros [poemas selecionados]. Blumenau: Nauemblu, 2008.
- Curtição da Bíblia. [inédito].
- Minha História da Alma. [inédito].
- José do Egito. [teatro] [inédito].

BENTO NASCIMENTO – O POETA

[FLORIANO, Magru. *Bento Nascimento: o poeta*. **Literatura Papa-Siri**, n.8, p. 21-22, out. Itajaí: Alternativa Editora. 2001. Alterado em jul/2022]

Bento Nascimento é uma unanimidade: crianças e adultos, intelectuais e gente de pouco estudo, mulheres e homens, estudantes e professores, todos que têm a oportunidade de entrar em contato com sua produção literária ficam encantados. Dono de um estilo próprio, Bento era uma pessoa extremamente criativa, que não escolhia hora ou lugar para escrever seus versos carregados de sarcasmo e ironia, retratando a paisagem cotidiana de sua cidade.

Prova dessa sua criatividade ilimitada é a grande quantidade de manuscritos (cadernos, folhas avulsas, guardanapos) que deixou em mãos de amigos. Escrevia na mesa do bar, dentro de ônibus, na esquina de casa e depois presenteava os amigos. Esse seu desprendimento diante da sua arte sempre intrigou todos que lhe eram mais próximos, que valorizam estes versos mais do que seu próprio autor. É que Bento valorizava o momento da criação e deixava para os outros a contemplação do resultado.

Para ele nada superava a alegria, a satisfação de escrever. Escrever era tudo. Por isso mesmo vale lembrar as palavras do escritor Adilson Amaral (que ocupa a cadeira Bento Nascimento na Academia Itajaiense de Letras e teve a oportunidade de conviver com o poeta pelas ruas do bairro São João na condição de vizinho) quando diz que Bento era ‘Professor de profissão e poeta por definição.’ Para Adilson Amaral:

‘Acima de tudo, Bento era uma pessoa fascinante. Com uma inteligência aguçada e um bom humor contagiante [...] O trabalho de Bento Nascimento falava das pessoas que o cercavam, dos sentimentos que ele desfrutava, do amor que sentia pela vida e pelas coisas da sua época. Sua linguagem era direta, objetiva e sincera, com uma simplicidade que atingia o coração até mesmo das pessoas mais duras.’

Bento Pascoalino Nascimento nasceu em onze de novembro de 1962 no Bairro São João, na cidade de Itajaí, onde veio a falecer em 28 de novembro de 1993, em decorrência de um acidente automobilístico. Coursou o primário e ginásial na escola

Henrique da Silva Fontes, o segundo-grau no Colégio Cenecista Pedro Antônio Fayal e, se bacharelou em Letras na Fepevi – atual Univali.

Iniciou sua carreira de professor de Língua Portuguesa no Colégio Estadual João Gaya, no vizinho município de Luis Alves (1986-1988), lecionando ainda no Colégio Estadual Deputado Nilton Kucker (1990 – 1993), Colégio Victor Meirelles, Colégio Estadual Valério Gomes (Ilhota) e Centro Educacional Sistema Unificado (Itajaí).

De temperamento anárquico, Bento Nascimento era um intelectual atuante no meio artístico regional. Instituiu a Rede Poética, colocando poesias fixadas a uma rede de pesca pelos corredores da Casa da Cultura; em 1986, escreveu o recital poético ‘A última noite punk’, levada aos palcos pelo diretor Toni Cunha, contando com a participação dos atores e amigos Zizi Paulo, Vânia Campos, Ronaldo Silva Júnior, Cláudio Malheiros; em 1988, levou aos palcos o recital ‘Quarentena – os quarenta dias mais felizes de nossas vidas’ – que também contou com a direção de Toni Cunha, além da participação de Lourival Andrade e Vânia Campos. Bento também participou do Grupo de Poetas Mário Quintana, bastante ativo na década de 80 em toda a região com a proposta da poesia ultrarrealista.

Em 1989, Bento Nascimento publicou seus primeiros poemas no livro ‘Celacanto’, em companhia do poeta Antônio Carlos Floriano. Publicou poemas no Ultrajornal (1989-1990), Jornal Literário Camaleão (1985) e, na antologia poética dos alunos do curso de Letras da Univali intitulada ‘Sinal Verde’. Após o seu prematuro desaparecimento, Bento Nascimento recebeu inúmeras homenagens da cidade de Itajaí e de seus artistas. O cantor e compositor Giovani Rocha musicou várias poesias de Bento e as incluiu no CD ‘Pelos olhos do poeta’. Bento, empresta seu nome a uma rua no Loteamento Arnaldo Schmitt, no bairro Cordeiros; á sala de leitura da Casa da Cultura Dide Brandão; e é o patrono da cadeira de número um da Academia Itajaiense de Letras.

Como deixou muitos manuscritos em mãos de amigos e irmãos, há uma grande possibilidade de Bento receber postumamente a homenagem de uma impressão da antologia de sua obra completa. Já estão publicados os livros:

- Celacanto. Itajaí: Elbert, 1989 (com Antonio Carlos Floriano). [poesia].
- Ironia (Manuscrito Inédito).
- Louco de pedra. São Paulo: Iluminures, 2001. [publicada pós-morte]
- Aos vivos. Itajaí: Ed. Maria do Cais / Oficina da Palavra, 2007. [publicada pós-morte]

DIDYMEA LÁZZARIS DE OLIVEIRA

[FLORIANO, Magru. *Didymea Lázzaris de Oliveira*. **Literatura Papa-Siri**, n.9, p. 21-22, nov. Itajaí: Alternativa Editora. 2001. Alterado em jul/2022]

A pesquisadora, cronista, contista e poetisa Didymea Lazzaris de Oliveira publicou seu primeiro livro em 1997 aos sessenta e seis anos de idade, e de lá para cá não parou mais de escrever e publicar. Também pudera, seu livro ‘Por um pedaço de terra – a colonização de Luis Alves a partir de 1877’, foi publicado pela Editora da Univali e teve sua edição esgotada rapidamente. Em outras palavras: foi sucesso absoluto. Agora, Didymea está ultimando os detalhes do livro ‘O Navegantes que eu conto’ que resgata a história do povo do vizinho município de Navegantes, antes distrito de Itajaí. Trabalha também em ‘Retalhos do Passado’, obra que ‘fala de um clã que se formou brasileiro pela junção de três raças: portuguesa, suíça e italiana’ – seu primeiro romance que vem remodelando há décadas.

Didymea Lazzaris de Oliveira nasceu no Município de Itajaí a dezesseis de agosto de 1931. Estudou no Grupo Escolar Victor Meirelles, onde desde jovem mostrou especial interesse pela literatura, tendo como uma de suas atividades escolares preferida a declamação de poesia. Iniciou no magistério estadual no ano de 1950, no Grupo Escolar Professora Júlia Miranda de Souza – Navegantes. Em 1964 assumiu o cargo de inspetora escolar, atuando nos municípios de Itajaí, Navegantes e Luís Alves. Experiência profissional que contribuiu de forma decisiva para que viesse a escrever os seus livros.

Aposentada, após trinta e dois anos de contribuição ao magistério estadual, Didymea resolveu explorar com mais afinco a sua velha paixão pela literatura. Participou em 1994 do livro publicado pelo Instituto da Poesia Internacional, intitulado ‘Mil poetas brasileiros’; e, em 1999, participou da coletânea ‘Sena, os poetas te saúda’. Em 1997 e 1998 ganhou o concurso de crônica para escritores da terceira idade, promovido pela Fundação viva a Vida – Florianópolis.

Didymea colaborou com a edição do Anuário de Itajaí de 1999, é colaboradora da Revista Literária Papa-Siri e, teve seus trabalhos publicados em diversos jornais, tais como: Jornal da Mulher Catarinense, Jornal dos Bairros, Folha do Povo. Ajudou a

fundar a Academia Itajaiense de Letras, onde ocupa a cadeira de número sete, tendo como patrono Lauro Severiano Müller. Participou das duas antologias que a instituição editou: ‘De Itajahy a Itajaí: cem anos de poesia’; ‘De Itajahy a Itajaí: cem anos de prosa’. Publicou:

- Por Um Pedaco de Terra – Luís Alves: sua colonização a partir de 1877. Itajaí: Univali, 1997. [história].
- Um Momento na Vida ... Poesias e Versos Soltos. Itajaí: autora, 2004.
- O Navegantes Que Eu Conto. Itajaí: autora, 2004. [história].
- Na ciranda da vida. Itajaí: autora, 2007.
- A força do sangue Lunelli. 2010.
- Itajaí – do curato à globalização. Itajaí: autora, 2011.
- O Navegantes que eu conto. 2 ed. Navegantes: Papa Terra Editora, 2012.
- Um passeio pelo Vale do Rio Itajaí. Itajaí: autora, 2019.
- Mil poetas brasileiros. [coletânea]
- Senna, os poetas te saúdam. [coletânea]
- Poesias, contos, crônicas – III Concurso Literário para a Terceira Idade. Florianópolis: Udesc, 1998. [coletânea].
- Retalhos da vida – o melhor lugar do mundo é aqui. Florianópolis: Udesc, 1997. [coletânea]
- De Itajahy a Itajaí – cem anos de poesia. Itajaí: AIL, 1999. [coletânea]
- Retalhos do passado.

LIANE DOS SANTOS

[FLORIANO, Magru. *Liane dos Santos*. **Literatura Papa-Siri**, n.11, p. 21-22, jan. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

A jornalista e poetisa Liane dos Santos nasceu na cidade de Itajaí no dia 24 de julho do ano de 1953, e, atualmente, reside na cidade do Rio de Janeiro, onde responde pelo cargo de assessora de comunicação social do Banco do Brasil.

Liane estudou no Colégio Salesiano de Itajaí e, ainda na condição de estudante secundarista editou na Rádio Difusora de Itajaí um programa sobre literatura. Formou-se em Jornalismo na cidade de Porto Alegre, onde conheceu e conviveu intensamente com o grande poeta Mário Quintana.

Mário, ao prefacia ‘Primeiro Ato’ – primeiro livro publicado por Liane – tornou-se padrinho e avalista da poética da escritora itajaiense. Em carta manuscrita publicada no livro, Mário Quintana dá o seguinte depoimento sobre a poesia de Liane dos Santos:

Liane, em seu poema VOCAÇÃO, fala em aceitar a dor de ser livre, embora absolutamente já não viva no acomodaticio – senão, não seria a poeta que é. Não, não procurem aqui o lirismo bonitinho. O que Liane faz são belos e impressionantes poemas – porque toda busca de autoexpressão é um espetáculo dramático. Nem foi em vão que, a este seu livro de estréia, deu ela o nome de PRIMEIRO ATO. Este título, à primeira vista modesto, é todo um compromisso. E a grave compenetração de que poesia e vida são a mesma coisa.

Liane dos Santos tem crônicas publicadas no jornal O Estado de São Paulo e Folha da Manhã, empresas em que trabalhou como repórter. Tem também seus versos incluídos na antologia publicada pela Academia Itajaiense de Letras, em 1999: ‘De Itajahy a Itajaí: cem anos de poesia’. Publicou:

- Primeiro ato. Porto Alegre: Garatuja, 1977.
- Verão. Porto Alegre: Movimento, 1980.
- Luz da Noite. Rio de Janeiro: Trote, 1985.
- Casa/Primeiro Ato. Rio de Janeiro: Blocos, 1991.
- O Exercício das Pequenas Delicadezas. Rio de Janeiro: Nau, 2004.
- Há um mar no verbo amar. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2007.

SILVEIRA JÚNIOR

[FLORIANO, Magru. *Silveira Júnior. Literatura Papa-Siri*, n.12, p. 21-22, fev. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

Silveira Júnior é o nome artístico do jornalista, cronista, contista, romancista e dramaturgo Norberto Cândido Silveira Júnior. Ele nasceu no então distrito itajaiense de Penha, no dia dezessete de maio do ano de 1917, vindo a falecer na cidade de São José – Grande Florianópolis – no dia três de dezembro do ano de 1990, deixando um vasto currículo literário tendo como destaque a obra ‘Memórias de um menino pobre – história de uma comunidade de agricultores do sul do Brasil’, onde relata sua vivência na localidade de Rio Branco, pequena vila de agricultores incrustada entre os municípios de Guaramirim e Massaranduba.

Silveira Júnior foi diretor de programação da Rádio Difusora de Itajaí, diretor e redator-chefe do jornal O Sol – que circulou por muitos anos na região de Itajaí e Balneário Camboriú, e, também, do jornal Itajaí. Assinou a coluna ‘Assuntos da semana’ no tradicional Jornal do Povo, entre os anos de 1946 e 1951. Em Florianópolis, cidade onde fixou residência a partir de 1975, respondeu pelo cargo de redator dos jornais ‘Diário da Tarde’ e ‘Dia e Noite’. Foi correspondente em Santa Catarina da agência de notícias Asapress e assinou coluna semanal no jornal ‘A ponte’. Mesmo morando na capital do Estado, Silveira Júnior continuou colaborando por muitos anos com os jornais O Sol (Itajaí e Balneário Camboriú), Correio do Povo (Jaraguá do Sul), Jornal de Santa Catarina (Blumenau) e manteve programa diário na RBS TV intitulado ‘Silveira Responde’.

Autodidata – estudou apenas o primário – Silveira Júnior fez-se um vencedor. Amigo e conterrâneo do governador Antônio Carlos Konder Reis, foi seu assessor entre 1975 e 1979, bem como na Secretaria Especial de Reconstrução em 1983 (no primeiro governo Esperidião Amin, quando Santa Catarina foi vitimada por uma grande enchente e Antonio Carlos assumiu o cargo de titular desta secretaria). Entre os muitos cargos que assumiu, respondeu pela presidência do Conselho Editorial da UDESC - Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina, foi membro do Conselho Estadual de Cultura, membro da Associação Catarinense de Escritores, titular da cadeira de número dois da Academia Catarinense de Letras.

Por suas realizações como homem público, escritor e jornalista, Silveira Júnior recebeu inúmeras homenagens em diversos municípios catarinenses. Empréstou seu nome para ruas nos municípios de Araranguá e Guaramirim, para praça em Balneário Camboriú, biblioteca pública no Município de Itajaí. É o patrono da cadeira de número dois da Academia Itajaiense de Letras.

O botânico Raulino Reitz homenageou Silveira Júnior colocando seu nome a uma planta: Mirciária Silveirana.

Silveira Júnior chegou a ganhar projeção nacional ao vencer em cinco oportunidades o concurso de contos da Revista da Semana – publicada no Rio de Janeiro, e, por duas oportunidades, o concurso de contos do jornal A Manhã. Contudo, sua obra principal é o livro ‘Memórias de um menino pobre’, onde Silveira Júnior, segundo Tavares de Miranda (redator da Folha de São Paulo) ‘escreve com alma e dimensiona um universo carregado de evocações, tratando uma época e um pedaço do Brasil da década dos anos vinte. Um livro de leitura fácil, prende o leitor e mostra o mistério e o encanto do desenvolvimento de uma localidade catarinense.’ Publicou:

- Depois do Juízo Final. São Paulo: Global, 1982.
- Um brasileiro nos Estados Unidos. 1080 informações e estudos das vulgaridades (e coisas sérias) sobre os Estados Unidos.3ed. Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1962.
- Um brasileiro nos Estados Unidos. 1080 informações e estudos das vulgaridades (e coisas sérias) sobre os Estados Unidos.4ed. Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1964.
- Itajaí – história de uma cidade. São Paulo: Escalibur, 1972.
- Memórias de um Menino Pobre. 1ed. Florianópolis: Lunardelli, 1977.
- Memórias de Um Menino Pobre. 2ed. Florianópolis: Lunardelli, 1980.
- Memórias de Um Menino Pobre. 3ed. Florianópolis: Lunardelli, 1983.
- Memórias de um Menino Pobre.4ed. Florianópolis: Lunardelli, 1983.
- Memórias de um menino pobre. 5ed. Blumenau: Hemisfério Sul 2009.
- Na Rota do Mayflower; Vulgaridades (e coisas sérias) sobre os EE.UU. 2ed. Blumenau: Blumenauense, 1962.
- Na Rota do Mayflower; Vulgaridades (e coisas sérias) sobre os EE.UU. 1ed. Itajaí: autor, 1961.
- Na Rota do Mayflower; Vulgaridades (e coisas sérias) sobre os EE.UU. 3ed. Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1964.
- Anuário de Itajaí.1949.
- Dona Generosa.
- Confissões de Uma Filha do Século. Florianópolis: Lunardelli, 1984.
- Mil Notícias Culturais. Florianópolis: Lunardelli, 1985.
- Cristianismo e Justiça. Brusque: autor, 1971.
- Nossa Guerra Contra a Alemanha – crônica de um tempo de arbítrio. Florianópolis: Lunardelli, 1988.
- Contos, Crônicas e Narrativas.
- Discurso na Posse de Antonio Carlos Konder Reis na Academia Catarinense de Letras. Florianópolis: ACL, 1983. (com Antonio Carlos Konder Reis).
- Álbum fotográfico-descritivo da praia de Camboriú. Camboriú: autor, 1952.
- Imponderáveis do destino. Org. Lauro Junkes. Florianópolis: AIL, 2010.

EDISON D'ÁVILA – O NOSSO HISTORIADOR

[FLORIANO, Magru. *Édison d'Ávila – o nosso historiador*. **Literatura Papa-Siri**, n.13, p. 21-22, mar. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

Nos últimos anos a cidade de Itajaí tem sido alvo de inúmeras ações visando a preservação de sua história. Todas elas, sem exceção, puderam contar com a liderança e/ou apoio incondicional do professor e historiador Edison d'Ávila. É o caso, por exemplo, da criação da Fundação Genésio Miranda Lins, mantenedora do Arquivo Histórico e do Museu Histórico de Itajaí.

Além de responder pela presidência do conselho Curador da Fundação Genésio Miranda Lins, Edison d'Ávila é membro do Conselho Estadual de Cultura, sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Atualmente responde pela Secretaria Municipal de Educação (cargo que também ocupou entre 1977 e 1982, no Governo Amilcar Gazaniga), sendo professor titular dos cursos de História e Pedagogia da Univali, entre muitas outras atribuições, inclusive, no campo político partidário.

O professor Edison, como é conhecido na cidade, é membro fundador e um dos idealizadores da Academia Itajaiense de Letras, onde ocupa a cadeira de número 20 que tem como patrono o folclorista Antônio Augusto Nobrega Fontes. Também foi o responsável direto pela publicação do Anuário de Itajaí, editado pela Fundação Genésio Miranda Lins e que visa promover um registro apurado dos acontecimentos de cada ano, como legado à história da cidade. Já foram publicados os Anuários de 1998, 1999, 2000 e 2001. Anteriormente o Anuário havia sido publicado em 1924 por iniciativa dos jornalistas Jayme Fernandes Vieira e Juventino Linhares, voltando a circular em 1949 por iniciativa de Marcos Konder e Silveira Júnior, e, nos anos de 1959 e 1960, por iniciativa de Laércio Cunha e Roberto Mello de Faria.

A obra do historiador Edison d'Ávila é extensa. Além de ter contribuído sistematicamente com a imprensa catarinense através de artigos, entrevistas e ensaios (tem textos publicados no jornal literário O Papa-Siri, Jornal de Itajaí, JC JORNAL, Nautilus, Notícia Escolar, Jornal do Povo, entre outros ...), também colaborou com inúmeras edições especializadas, como é o caso da revista 'Blumenau em Cadernos' e o

próprio ‘Anuário de Itajaí’. Edison assinou uma vasta obra que tem como preocupação fundamental possibilitar aos estudantes o acesso às informações que dizem respeito à história de Itajaí e região. Seu livro mais conhecido é o já tradicional ‘Pequena história de Itajaí’. Publicou:

- Calendário Histórico de Itajaí. Itajaí: PMI, 1980.
- Pequena História de Itajaí. Itajaí: Prefeitura Municipal, 1982.
- A Revolução Federalista de 1893 em Itajaí. Itajaí: FGML, 1993.
- Festas e Tradições Populares de Itajaí. Itajaí: FGML, 1994. (c/ Márcia d’Ávila).
- Luis Alves – breve história de um município centenário.
- Itajaí – o começo da história. Itajaí: FGML, 1996.
- Itajaí: breve notícia histórica do aglomerado urbano. Itajaí: FGML/Univali, 1996.
- Nossa Senhora dos Navegantes – festa e história. Itajaí: FGML/Univali, 1996.
- Festas e Tradições Populares de Itajaí. Itajaí. FGML, 2001. (c/ Márcia d’Ávila).
- Pequena história de Itajaí. 2.ed. rev. ampl. Florianópolis: IHGSC, 2018.

ANDRÉ PINHEIRO – A NOVA GERAÇÃO DE POETAS

[FLORIANO, Magru. *André Pinheiro – a nova geração de poetas*. **Literatura Papa-Siri**, n.14, p. 21-22, abr. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

Falar de novos talentos, revelação, é uma coisa muito complicada porque nem sempre uma pessoa que se destaca em um concurso literário, ou por ter obtido uma resposta favorável do público já no seu primeiro trabalho, consegue manter durante um longo tempo esta mesma performance. Mas, seguramente, este não é o caso de André Pinheiro.

Jornalista formado pela Univali e funcionário concursado da sua Biblioteca Central Comunitária, André Pinheiro respira poesia. Engajado politicamente, o poeta atua no setor cultural desde 1985, quando chegou à Itajaí vindo da cidade paulista de Guarujá, onde nasceu em 1976.

André Pinheiro tem poesias publicadas em diversos jornais e revistas, tais como: Folha do Povo, Folha Universitária, Correio Literário, O Atlântico, Folha de Luis Alves, Fio da Navalha, Vozes Fora, Jornal do Passageiro, Tribuna da Cidade [Barra Velha], Jornal de Santa Catarina e na revista do curso de jornalismo da Univali ‘Palavra de Jornalista’. Respondeu como editor-chefe do jornal Folha Universitária em 1999, e, foi repórter da Editora Bittencourt, casa publicadora do Jornal dos Bairros, Folha do Povo e Revista Portuária [1998]. Foi jornalista-responsável do Jornal do Comércio [2000].

Tem poesia publicada no panfleto poético Oficina Poética – Antologia [1999] e participou da antologia publicada pela Academia Itajaiense de Letras: ‘De Itajahy a Itajaí: cem anos de poesia’. André Pinheiro é dos vencedores do concorrido concurso de poesias promovido pelo Sinergia – Sindicato dos Eletricitários de Santa Catarina, com sede em Florianópolis. Como prêmio teve seu trabalho publicado na antologia ‘Conto Poesia – Terceiro Concurso Literário [1997].

Contudo, seu espírito crítico aguçado sempre encaminhou André Pinheiro a ter uma verdadeira paixão pela literatura alternativa. Assim, sempre que pode investiu na confecção de fanzines [jornal alternativo, de baixo custo, em cópia xerox, muitas vezes distribuído gratuitamente ou através de contribuição espontânea entre amigos]. Ainda

neste mês de abril, lançou no sebo e papelaria Casa Aberta o seu zine intitulado de 'Livrevício'.

Contando com uma produção regular e extensa, André Pinheiro há muito vem ensaiando publicar seu primeiro livro. Isto deve ocorrer ainda este ano, uma vez que está envolvido na confecção de um livro em parceria com dois outros poetas com os quais convive na Univali: Paulo Sérgio Zembruski e Rômulo Mafra. Publicou:

- De Itajahy a Itajaí: cem anos de poesia. Itajaí: AIL, 1999. [coletânea]
- Versos, prosa e outros labirintos. 2019 [coletânea]
- Lúgubre – poemas de amor e morte. Itajaí: autor, 2000.
- 500 outonos. 2000 [coletânea]
- Livrevício. Itajaí: autor, 2002.
- Ciclotimia. Itajaí: Cia dos Loucos, 2002. [com Rômulo Mafra e Paulo Zembruski].
- Resquiescatin pace: mudanças e permanências nos rituais fúnebres católicos em Itajaí, na segunda metade do século XX. Itajaí: autor, 2001.
- Poesia à beira-mar. [2014 [coletânea].
- Num copo de Blues bebo poesia. Itajaí: Traços & Capturas, 2019.

ROSA DE LOURDES VIEIRA E SILVA

[FLORIANO, Magru. *Rosa de Lourdes Vieira e Silva*. **Literatura Papa-Siri**, n.15, p. 21-22, mai. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

Poeta, cronista, contista e romancista, a professora Rosa de Lourdes é uma unanimidade junto à população da cidade de Itajaí que desde os tempos do *Jornal do Povo* foi se acostumando com sua crônica semanal, depois, também, transmitida pelas ondas da Rádio Clube, na voz inigualável do radialista Dalmo Feminella. Suas crônicas possuem um estilo inconfundível, justamente porque são escritas em um tom saudosista. Rosa de Lourdes vê a cidade de Itajaí através de um grande caleidoscópio, onde consegue mesclar as cores de um presente luminoso com os rumores de um passado que insiste permanecer por entre as coisas de nosso cotidiano:

‘Nas tardes de chuva, melhor ainda nas de tempestade, nós íamos para o sótão da Dilam, ali na Rua Camboriú. Uma janela dava para a chácara dos Burgart, e a outra, lá para a Prainha da Frente. Lá no sótão, nós construíamos o nosso mundo! Um mundo encantado do qual nunca deveríamos ter saído! Agora eu sei como eram os dias bons! O tempo revela muitas coisas que os dias desconhecem.’

Renomada professora de Língua Portuguesa, Rosa de Lourdes foi professora da rede estadual de ensino e da Universidade do Vale do Itajaí (onde ocupa o cargo de assessora especial da reitoria), participa do Conselho Curador da Fundação Genésio Miranda Lins (instituição que mantém o Museu Histórico e o Arquivo Histórico de Itajaí de Itajaí) e da Academia Itajaiense de Letras (sendo sua fundadora e primeira ocupante do cargo de vice-presidente).

Rosa de Lourdes sempre teve uma participação marcante na imprensa itajaiense, chegando a idealizar o jornal ‘Folha do Povo’, respondendo como sua diretora de redação. Colaborou com a revista *Hélade* (primeira revista editada na Fepevi – hoje Univali), e nos jornais: *Itajaí Zona Sul* – entre 1991 e 1994, onde assinou a coluna ‘Memórias da Fazenda’; *Jornal da Mulher* – em 1997; *Jornal dos Bairros* – no período

compreendido entre os anos de 1994 e 2000; O tempo – desde sua fundação ao ano de 1999.

Mas, sua grande paixão na imprensa foi o tradicional Jornal do Povo. Ao reunir as crônicas que escreveu para este jornal no livro ‘O rei do peixe frito’, Rosa de Lourdes reconheceu a importância dos articulistas do Jornal do Povo em sua vida literária, chegando a considerar Juventino Linhares ‘o Balzac de Itajaí’, Arnaldo Brandão ‘o cronista das maravilhas’ e Gustavo Konder ‘o enamorado dos pardais nas manhãs sonoras da nossa terra ...’.

Rosa de Lourdes é antes de tudo uma escritora apaixonada pela cidade de Itajaí, e, por isso, escreveu: ‘As coisas da terra exerceram expressiva sensibilidade na minha vida. Amo tudo que é e faz Itajaí’. Por isto mesmo, manteve ao longo de décadas uma participação ininterrupta nos meios de comunicação da cidade, escrevendo para seus jornais e, também, para alguns programas radiofônicos. Atualmente as crônicas de Rosa de Lourdes podem ser ouvidas através da Rádio Educativa Univali FM, que transmite na voz da jornalista e poetisa Helen Francine ‘A crônica da cidade’. Publicou:

- Almas de Seda. Itajaí: FEPEVI, 1980.
- A Última Gaivota. Itajaí: PMI, 1982.
- O Rei do Peixe Frito. Itajaí: UNIVALI, 1995.
- Contos de Natal. Itajaí: UNIVALI, 1999.
- Ensino Superior em Itajaí – entre lutas e vitórias [1964-2002]. Itajaí: UNIVALI, 2002.
- Manual de Redação. Itajaí: UNIVALI, 2002.
- A Saga de Um Empreendedor – relato biográfico de Edison Villela. Itajaí: Univali, 1999.

ANA BRANCA – GUERRA E POESIA

[FLORIANO, Magru. *Ana Branca – guerra e poesia*. **Literatura Papa-Siri**, n.16, p. 21-22, jun. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

Ana Branca da Costa Maia Cardoso é poetisa, cronista, contista, mas acima de tudo é um exemplo de perseverança e de dedicação às artes. É a autora mais premiada da Academia Itajaiense de Letras e, também, a que mais publicou trabalhos em antologias nacionais. Nascida em Angola, Ana Branca chegou ao Brasil em 1976, fugindo da guerra civil que assolou, durante décadas, seu país de origem.

Ana Branca nasceu na cidade de Nova Lisboa – Angola – no dia 17 de fevereiro de 1930, deixando o continente africano aos 24 anos de idade. Antes de se mudar definitivamente para o Brasil, Ana estudou em Portugal, onde cursou a Faculdade de Psicologia Geral e Aplicada e integrou-se aos movimentos políticos que visavam a independência de Angola. Esta vivência nos três continentes está bastante presente em toda a sua obra literária, tanto que o título do seu primeiro livro de poesias é justamente ‘Sementes Angolanas’ (em cujos versos deixa transparecer seu inconformismo com a guerra) enquanto seu novo livro (que deve publicar ainda este ano) intitula-se ‘Contos e crônicas d’aquém e d’além-mar’.

Ana Branca participou de onze antologias, sendo sete delas publicadas em Brasília, uma no Rio de Janeiro, duas em Florianópolis e uma em Itajaí. Também tem seus trabalhos publicados em diversos jornais, entre os quais podemos destacar: O Papa-Siri, Vale do Itajaí, Jornal de Santa Catarina, Jornal da Imprensa Literária, Rota do Sol, Página 3, Diário da Cidade, O Sol, Valores Literários do Brasil, Diário Catarinense, JBC, A Gazeta de Camboriú, JBCT News, Jornal da Mulher. Colaborou com as revistas: Literatura Papa-Siri, Brasil em Versos, Realeza, A Figueira.

Além de ter seu nome incluído no ‘Endereçário Cultural da Sociedade de Cultura Latina de Santa Catarina’ e ser fundadora da Academia Itajaiense de Letras (onde ocupa a cadeira de número vinte e oito, cujo patrono é Adolfo Konder) Ana Branca já recebeu inúmeras medalhas e diplomas de instituições culturais reconhecidas nacionalmente, como é o caso da medalha Cruz de Mérito Cultural, Medalha Cultural

d'Almeida Victor, Colar de Mérito Cultural, Medalha Stella Brasiliense – todas honorárias literárias recebidas no Distrito Federal.

Aos setenta e dois anos de idade Ana Branca é uma militante ativa, participando diretamente de varais literários em Itajaí, Blumenau e Balneário Camboriú; saraus e concursos literários, dando demonstração de sua alegria em poder contribuir com a nossa sociedade através da sua arte. Ela iniciou este caminho como secretária executiva da Proarte de Itajaí, consolidando-o em 2000 quando lançou seu primeiro livro de poesias. Na verdade, Ana Branca já escrevia desde os dezesseis anos de idade (ainda na sua terra natal), mas começou a publicar sistematicamente seus trabalhos a partir de 1993. Em 2004 aventurou-se na escrita para crianças, chegando a publicar dois livros de histórias infantis. Faleceu em Balneário Camboriú no ano de 2017. Publicou:

- Sementes angolanas. Itajaí: Centenário, 2000.
- Contos e crônicas d'aquém e d'além-mar. Blumenau: Nova Letra, 2003.
- A galinha de Angola. Blumenau: Nova Letra, 2004.
- O macaquinho ladrão e outros contos aventureiros. Blumenau: Nova Letra, 2005.

ODILON FEHLAUER – EMPRESÁRIO E ESCRITOR

[FLORIANO, Magru. *Odilon Fehlauer – empresário e escritor. Literatura Papa-Siri*, n.17, p. 21-22, jul. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

Odilon Alberto Fehlauer nasceu na década de 1940 na cidade gaúcha de Erechim. Estudou administração de empresas, contabilidade e marketing, residindo nas cidades de Porto Alegre e Rio de Janeiro. Fixou residência na cidade de Itajaí em meados da década de 1980, onde conseguiu realizar o sonho de compatibilizar as atividades de administrador da Brasfrigo – empresa integrante da cadeia logística portuária de Itajaí - com as de articulista e romancista.

Em Itajaí, Odilon Fehlauer não teve muitas dificuldades para ver o seu trabalho reconhecido pela comunidade itajaiense, que lhe conferiu diversos prêmios, homenagens e títulos. Entre estes podemos destacar o prêmio de Administrador do Ano – conferido pela Associação Comercial e Industrial de Itajai, em 1998, e, o título de Cidadão Itajaiense – conferido pela Câmara de Vereadores, em novembro de 2000.

Atualmente Odilon Fehlauer intensificou sua atividade literária, quer como romancista, quer como articulista e cronista. Seus artigos já foram publicados em diversos jornais, revistas e até em jornais eletrônicos disponíveis na Internet. Entre as publicações com as quais já colaborou estão: Revista Literatura Papa-Siri, folha do Povo, Diário da Cidade, Jornal da Cidade – suplemento do Jornal de Santa Catarina, O tempo, A Tribuna Itajaiense, Jornal da Associação Brasileira dos Municípios, Revista Portuária. Contudo, merece destaque sua participação na Revista Mais Brasil, publicada em Brasília com distribuição nacional.

Membro da Academia Itajaiense de Letras desde 2000, onde ocupa a cadeira de número 38 cujo patrono é o escritor Nereu Corrêa, Odilon Fehlauer responde atualmente pelo cargo de vice-presidente desta importante entidade cultural, prestando relevantes serviços às letras catarinenses. Também já foi laureado pela Academia Paranaense de Medicina Veterinária, justamente por artigos que escreveu na imprensa nacional. Publicou:

- Fragmentos, Histórias e Pensamentos. Rio de Janeiro: Nova-Idade, 1995.
- Circunstâncias – nem todos os caminhos possuem saída. P. Alegre: Alcance, 1999.

- Fragmentos – histórias e pensamentos. Rio de Janeiro: Nova-Idade, 1995.
- Circunstâncias – nem todos os caminhos possuem saída. Porto Alegre: Alcance, 1999.
- Sonhos e Pesadelos – quando as conseqüências são imprevisíveis. Itajaí: autor, 2000.
- Conexões Perigosas – teias do submundo. Itajaí: autor, 2002.
- Lendas de Itajaí – contos e textos. Itajaí: autor, 2003. [revista]
- Mundos Paralelos – marcas guardadas no tempo. Blumenau: Nova Letra, 2004.
- Cicatrizes do destino: vestígios que permanecem. Rio de Janeiro: autor, 2003.
- Vítimas da ira.
- Energize sua aura com fluídos positivos.
- A brisa do campo.
- Frutos da ambição.
- Em um tempo do passado.
- Sob o vento minuano.
- Efeitos de uma paixão.
- A sucessão. Blumenau: Nova Letra, 2007.

MARLENE ROTHBARTH – RESGATANDO A HISTÓRIA DE NOSSAS FAMÍLIAS

[FLORIANO, Magru. *Marlene Rothbarth – resgatando a história de nossas famílias. Literatura Papa-Siri*, n.18, p. 21-22, mar. Itajaí: Alternativa Editora. 2001. Alterado em jul/2022]

Marlene Dalva da Silva Rothbarth é daquelas pessoas que nunca soube o que é parar. Agora, aposentada do magistério público, utiliza grande parte do seu tempo na pesquisa detalhada sobre a história das famílias itajaienses, contribuindo de forma inédita e criativa para o resgate histórico de nossa cultura.

Poetisa, articulista, cronista, historiadora, Marlene Rothbarth nasceu na cidade de Itajaí no ano de 1933. Graduiu-se em Pedagogia com especialização em Administração Escolar, exercendo o magistério de primeiro e segundo graus em escolas das redes estadual e municipal. Dirigiu a Escola Básica Francisco de Paula Seára e foi inspetora escolar e chefe de divisão da 13ª UCRE (hoje CRE). Integrou a Comissão Municipal de Cultura, o Conselho Curador da Fundação Genésio Miranda Lins (instituição responsável pelo Arquivo Público e Museu Histórico), o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural. Foi diretora do Museu Histórico de Itajaí no ano de 1987, presidente e sócia-fundadora da Proarte de Itajaí, onde ocupa cargo de direção. Ajudou a fundar também a Academia itajaiense de Letras, onde ocupa a cadeira de número 21, cujo patrono é o jornalista Abdon Fóes.

Marlene Rothbarth colaborou com inúmeras publicações, como os jornais: Folha do Povo, Jornal Paroquial, Jornal Cultural Papa-Siri, Jornal de Itajaí, Jornal do Povo, Jornal Opinião, Jornal da Mulher. Contribuiu também com o livro de Lindinalva Deólla da Silva intitulado ‘Itajaí, imagens e memória’. Na Academia Itajaiense de Letras participou da antologia ‘De Itajahy – cem anos de poesia’ utilizando o nome artístico de Rothmar. Marlene Rothbarth publicou seu primeiro livro no ano de 1999, intitulado ‘Uma história de família – genealogia da família Silva Rothbarth’, obra em que busca traçar a trajetória história de sua família.

No ano de 2001, elaborou, em parceria com a artista plástica Lindinalva Deólla da Silva, o livro ‘Famílias de Itajaí: mais de um século de história’. Nesta obra, as duas amigas resgatam a história de treze famílias tradicionais da cidade de Itajaí: Carlos

Frederico Seara, Ângelo Rodi, João Gaya, Samuel Heusi, Alberto Pedro Werner, João Ferreira de Macedo, Alexius Reiser, Felipe Reiser, Nicolao Malburg, Uilisses Machado Dutra, José Henriques Flores, Marcos Konder Sênior, Bruno Schmitt.

Atualmente, Marlene Rothbarth está empenhada em pesquisa que tenta resgatar a história da família Asseburg, sendo que o livro deverá receber o título de ‘A saga da família Asseburg’. Paralelo a este trabalho, Marlene Rothbarth está dando continuidade à pesquisa sobre dezoito famílias de Itajaí cujas histórias vão compor o segundo volume da obra ‘Famílias de Itajaí’. Entre as famílias já pesquisadas encontram-se: João Brandão, Alfredo Conrado Moreira e Eliziário Pereira. Publicou:

- Uma História de Família: genealogia da família Silva Rothbarth. Itajaí: autora, 1999.
- Famílias de Itajaí: mais de um século de história. Vol. I. Itajaí/Blumenau: autora/Odorizzi, 2001. [ilustração de Lindinalva Deólla da Silva]
- Famílias de Itajaí: mais de um século de história. Vol. II. Itajaí/Blumenau: autora/Odorizzi, 2001. [ilustração de Lindinalva Deólla da Silva]
- A Saga da Família Asseburg. Blumenau: Odorizzi, 2003.
- Júlia e Gabriel visitam Itajaí.

LÊDA MROWINSKI – A POETISA MILITANTE

[FLORIANO, Magru. *Lêda Mrowinski – a poetisa militante*. **Literatura Papa-Siri**, n.19, p. 21-22, set. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

Lêda Mrowinski nasceu na cidade gaúcha de Redentora, mas logo em seguida foi levada para Ijuí, onde seus pais fixaram residência. Lêda morou por 24 anos em Ijuí e, por isso, a considera sua cidade natal. Lêda ainda residiu em diversos estados brasileiros, inclusive no Espírito Santo, onde lançou seu primeiro livro de poesias, intitulado ‘Traços d’Alma’, no ano de 1992. O livro fez sucesso imediato e atualmente está na sua oitava edição.

Bancária por profissão e poeta por paixão, quase missionária, Lêda Mrowinski utiliza sua facilidade de falar em público para divulgar seu trabalho literário em saraus literários, tertúlias e até nos bares, restaurantes e casas noturnas da Região da Grande Itajaí. Pode ser considerada uma poeta militante, que pega seus livros e oferece de mesa em mesa, aproveitando todas as oportunidades para recitar seus versos e fazer o ambiente noturno de Balneário Camboriú e Itajaí um pouquinho mais agradável.

Lêda fixou residência em Balneário Camboriú no ano de 1992, cidade cuja beleza natural desfruta até hoje como bancária aposentada do Banco do Brasil. Na região ajudou a fundar a Academia Itajaiense de Letras, onde ocupa a cadeira de número catorze, cujo patrono é o poeta Reis Neto; e, também, a Academia de Letras de Balneário Camboriú, onde ocupa a cadeira de número vinte, cujo patrono é Jaime Caetano Braum.

Lêda tem trabalhos publicados na Revista Literatura Papa-Siri e em diversos jornais e revistas dos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, bem como no Distrito Federal. Atualmente está preparando a edição de mais dois livros: ‘Seresteiro de Rimas’ e ‘Pensares em prosa’. Lêda pretende lançar os dois livros ainda neste ano de 2002 pela Editora Alternativa. Publicou:

- Traços d’Alma. Vitória: autora, 1992. [1 ed.]
- Traços d’Alma. Balneário Camboriú: autora, 1995. [2 ed.].
- Traços d’Alma. Balneário Camboriú: autora, 1995. [3 ed.].
- Mercado de Versos. Itajaí: alternativa, 1995. [1 ed.].
- Mercado de Versos. Itajaí: Alternativa. 1996. [2 ed.]
- Emoções. Itajaí: Alternativa, 1996. [1 ed.]
- Traços d’Alma. Balneário Camboriú: autora, 1996. [4 ed.]
- Traços d’Alma. Itajaí: Alternativa, 1996. [4 ed. - ?]
- Emoções. Itajaí: Alternativa, 1997. [2 ed.]
- Mercado de Versos. Itajaí: Alternativa, 1998. [3 ed.]

ADILSON AMARAL – UM ENTUSIASTA DA LITERATURA REGIONAL

[FLORIANO, Magru. *Adilson Amaral – um entusiasta da literatura regional. Literatura Papa-Siri*, n.20, p. 21-22, out. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

Nascido em 29 de dezembro de 1966, Adilson Amaral é um dos entusiastas da literatura regional, tendo sido idealizador e primeiro presidente da Academia Itajaiense de Letras (1997 / 1999) e, há quase dois anos, lançou a revista *Literatura Papa-Siri*, abrindo um espaço específico para a produção literária regional e revelação de novos talentos. Em novembro (dia 13, na Casa da Cultura Dide Brandão), estará lançando seu primeiro livro, intitulado ‘Cronicontos’.

Durante muitos anos Adilson militou na imprensa regional, tendo iniciado na carreira de jornalista em 1986, no extinto *Jornal do Povo*. Passou pela redação de diversos jornais, como ‘O Estado’ e ‘Jornal de Santa Catarina’, e encerrou sua carreira como editor-chefe e editorialista do jornal ‘Diário da Cidade’, afastando-se da imprensa no início do ano 2000 para dedicar-se exclusivamente à literatura, contribuindo significativamente para o crescimento do setor na região.

Assinou texto na orelha do livro de Álvaro Castro intitulado ‘O jogo da verdade’; apresentou o livro ‘De Itajahy a Itajaí – cem anos de poesia’ da Academia Itajaiense de Letras – 1999; e o primeiro livro de Magru Floriano ‘Cotidianas’ – 1999. Participou das antologias: ‘Melhores contos brasileiros’ editado no Rio de Janeiro pela Shogun – 1988; ‘Nova poesia brasileira’, também pela Shogun em 1988; ‘Letras crescentes’ – Fepevi – 1988; ‘De Itajahy a Itajaí – cem anos de poesia’, Academia Itajaiense de Letras – 1999; ‘De Itajahy a Itajaí – cem anos de prosa’, Academia Itajaiense de Letras – 2001.

Neste mês de novembro Adilson Amaral estará lançando ‘Cronicontos’, seu primeiro livro individual. Ao avaliar sua obra, o leitor vai perceber de imediato que Adilson tende a conquistar posição de destaque entre escritores de valor, justamente por ser único na literatura itajaiense. Criativo, o autor soube aperfeiçoar um estilo literário todo próprio, onde mistura vários gêneros possibilitando a formação de um texto livre,

leve, bem-humorado e politicamente correto. Adilson Amaral transita com segurança entre a ficção e a realidade; entre o conto, a crônica e o ‘causo’, num gênero que justifica o título híbrido de sua obra inaugural o ‘croniconto’.

É possível afirmar com convicção que a obra de Adilson Amaral é indicada para todos aqueles que apreciam uma boa leitura. Em especial para os professores de Língua Portuguesa de primeiro e segundo graus, porque o autor merece ser lido e estudado. Publicou:

- Cronicontos. Itajaí: Alternativa, 2002.
- A viagem. Itajaí: Alternativa, 2004.
- A viagem. 2ed. Itajaí: Alternativa; Blumenau: Nova Letra, 2010.
- Trajetória – a vida e o legado de Ludgério Niehues. Itajaí: Alternativa; Blumenau: Nova Letra, 2005.
- A calça cáqui. Itajaí: Alternativa; Blumenau: Nova Letra, 2006.

**MAGRU FLORIANO – TRABALHO PELO FORTALECIMENTO
DA LITERATURA REGIONAL**

[FLORIANO, Magru; AMARAL, Adilson. *Magru Floriano – trabalho pelo fortalecimento da literatura regional*. **Literatura Papa-Siri**, n.21, p. 21-22, nov. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

Poucos são os escritores itajaienses que trazem em seu currículo tantas em prol do fomento da literatura regional quanto Magru Floriano. Professor Universitário, membro fundador e atual presidente da Academia Itajaiense de Letras, Hélio Floriano dos santos, o Magru, prepara-se para lançar mais um livro, neste dia 05 de dezembro, às 20 horas, na Casa da Cultura Dide Brandão. Trata-se da obra ‘Itajaí em chamas’, um livro em que Magru resgata a história do incêndio do navio Petrobrás Norte, ocorrido na década de 60, que deixou toda a cidade em pânico.

Magru Floriano iniciou suas atividades na área literária durante os extintos Festivais de Inverno, na década de 70, quando promovia varais literários em diversos pontos da cidade. Foi jornalista trabalhando em diversos órgãos de imprensa, ora atuando como repórter e editor, ora como colunista.

Firme em suas convicções, polêmico enquanto repórter, Magru Floriano surpreendeu a todos ao lançar seu primeiro livro que, ao contrário de uma esperada crítica social, apresentou ao leitor uma coletânea de poesias de altíssima qualidade reunidas sob o título de ‘Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido’.

Ocupando o cargo de Coordenador do Conselho Editorial da Academia Itajaiense de Letras, de 1999 a 2001, Magru Floriano organizou as duas grandes obras publicadas por essa instituição literária: ‘De Itajahy a Itajaí – cem anos de poesia’ e ‘De Itajahy a Itajaí – cem anos de prosa’. No ano 2000, o público leitor recebe a segunda obra individual de Magru Floriano intitulada ‘Fogo-fátuo – o diário de um poeta triste’. Em 2001, publicou ‘Como faço poesia’, um manual em forma de livreto, destinado a orientar estudantes sobre alguns métodos para produção poética. No início deste ano, lançou o livro ‘Quem escreve em Itajaí’. Um indicador – tipo enciclopédia, com a biografia de escritores e jornalistas que atuam na região, compreendendo a época da fundação da cidade até o ano 2000.

A mais recente obra de Magru Floriano chega ao público leitor neste dia cinco de dezembro. Trata-se de ‘Itajaí em chamas’, livro que registra em detalhes os acontecimentos no dia 2 de fevereiro de 1965, quando um incêndio no navio Petrobras Norte gerou pânico na cidade, revelando o heroísmo de Odílio Garcia, cujo ato de bravura que lhe custou a vida, impediu um desastre de maiores proporções.

Em seu relato, Magru Floriano registrou os fatos históricos e recriou o clima de medo e tensão que tomaram conta da população, através de depoimentos de pessoas que estiveram no local do acidente ou que abandonaram suas casas procurando abrigo em local distante do foco do incêndio. O livro é ilustrado com fotos e documentos inéditos da época, constituindo-se no primeiro registro histórico confiável de todo o incidente.

Publicou:

- Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido. Itajaí: Brisa Utópica, 1999.
- De Itajahy a Itajaí – cem anos de poesia. Itajaí: AIL, 1999. (organizador)
- De Itajahy a Itajaí – cem anos de prosa. Itajaí: AIL, 2001. (organizador)
- Como Faço Poesia. Itajaí: Brisa Utópica, 2001.
- Fogo-Fátuo – o diário de um poeta triste. Itajaí: Brisa utópica, 2001.
- A Pesquisa Dialética em Educação. Itajaí: Brisa Utópica, 2001.
- Itajaí em Chamas. Itajaí: Alternativa, 2002.
- Quem Escreve Em Itajaí – indicador da literatura e jornalismo da Região da Grande Itajaí até 2000. Itajaí: Brisa Utópica, 2002.
- Ver Cinema. Ler cinema. Itajaí: Brisa Utópica, 2002.
- Aprendendo a Fazer Poesia Com Autores Catarinenses. Itajaí: Brisa Utópica, 2002.
- Itajaí em chamas – a história de um herói. Itajaí: Alternativa; Blumenau: Nova Letra, 2007. [co-autoria de Ivan Rupp].
- Pia-máter. Itajaí: Brisa Utópica, 2008.
- O grito da terra. Itajaí: Brisa utópica, 2008.
- O príncipe em Itajaí. Itajaí: Brisa Utópica, 2007.
- Inventário bibliográfico dos autores da Região da Grande Itajhay até o ano de 2010.

GENÉSIO ADOLFO – A ESCRITA COMO MISSÃO

[FLORIANO, Magru. *Genésio Adolfo – a escrita como missão*. **Literatura Papa-Siri**, n.24, p. 21-22, mai. Itajaí: Alternativa Editora. 2003. Alterado em jul/2022]

O professor Genésio Adolfo da Silva há muito descobriu o prazer de escrever. Hoje, homem maduro, considera o ato de escrever um ofício, até mesmo uma missão. Professor, escritor e pastor evangélico, Genésio Adolfo utiliza a facilidade no uso das palavras (oral e escrita) para disseminar suas mensagens, sempre positivas e animadoras.

Nascido em Itajaí no dia 27 de novembro de 1954, Genésio Adolfo estudou no Grupo Escolar Victor Meirelles e depois no Colégio Nilton Kucker. Em 1973 ingressou no curso de Letras da Univali, instituição em que se formou também em Direito no ano de 1998. Ainda na Univali frequentou a pós-graduação em Gramática da Língua Portuguesa.

Membro-fundador da Academia Itajaiense de Letras, onde ocupa a cadeira de número 11, cujo patrono é o jornalista Juventino Linhares (Personalidade controvertida que chegou a conhecer em sua infância), Genésio Adolfo recebeu por dois anos consecutivos menção honrosa da Editora Shogun Arte, do Rio de Janeiro, pela participação nas antologias: ‘Os melhores poetas de hoje – 1983; ‘A melhor poesia de hoje – 1984. Em 1980, colaborou com a Revista Hélade (Fepevi) e, em 1982, escreveu para o tradicional Jornal do Povo.

Foi proprietário do jornal ‘O Sol’ entre 1972 e 1974, colaborou com o polêmico Diário do Litoral – Diarinho, e, respondeu pelo cargo de assessor de imprensa da 13ª UCRE. Por quatro anos consecutivos respondeu como assessor de gabinete do governo Jandir Bellini na Prefeitura de Itajaí, onde trabalha até os dias de hoje. Atualmente Genésio Adolfo leciona no tradicional Colégio Nereu Ramos, localizado no bairro Fazenda. Em 1998 Genésio Adolfo foi ordenado pastor da Comunidade Raiz de Jessé, fato que influenciou de forma decisiva na sua vida pessoal e principalmente na sua carreira de escritor.

Genésio Adolfo é um escritor atuante, sempre presente nos eventos culturais de Itajaí. Gosta de recitar seus poemas em público e de falar aos jovens sobre literatura e assuntos diversos. Publicou:

- Pingos de Vida – poesias. Itajaí: Autor, 1986.
- Vencendo as Barreiras. Itajaí: Dom Bosco, 1998.
- Pingos de Vida – poesias. Itajaí: Alternativa, 2002.
- 100 Razões Para Uma Vida de Paz e Prosperidade. Itajaí: Alternativa, 2003

**FABIANA SANDRI – ESCRITORA ITAJAIENSE
DE RENOME ESTADUAL**

[FLORIANO, Magru. *Fabiana Sandri – escritora itajaiense de renome estadual. Literatura Papa-Siri*, n.25, p. 21-22, jul. Itajaí: Alternativa Editora. 2003. Alterado em jul/2022]

‘O bom filho a terra torna’ é um ditado popular que se aplica perfeitamente à escritora Fabiana de Oliveira Sandri. Nascida em Itajaí no dia 07 de janeiro de 1969, Fabiana mudou-se com a família para Florianópolis, aos nove anos de idade. Foi na Capital que passou sua adolescência e juventude e onde consagrou-se como escritora. De volta a sua terra natal, a escritora se divide entre a família, serviço voluntário, afazeres profissionais e, é claro, à literatura.

O prazer pela escrita começou quando Fabiana estudava no Colégio Catarinense. Aos 18 anos, em 1987, lançou seu primeiro romance: ‘Extermina-se mundo meu’, uma produção independente que, nas palavras da escritora ‘foi uma aventura literária, ainda marcada pela vontade de escrever e pela falta de experiência’. Modéstia à parte, o livro foi a porta de entrada para Fabiana no concorrido mundo dos autores de destaque. A partir de 1995, Fabiana passou a escrever crônicas para o Jornal do Estreito e, em seguida, para o Jornal de Barreiros. Também foi neste ano que arriscou a participar do Concurso Franklin Cascaes de Literatura (gênero crônica), na Capital. Conseguiu classificar os dois trabalhos que inscreveu no concurso, publicados no livro ‘Cronistas de Florianópolis’, em 1996.

Essa premiação assegurou à Fabiana Sandri um impulso extraordinário na carreira de escritora. No lançamento do livro, ela conheceu o proprietário da editora Papa-Livros, Vilson Mendes, que pouco tempo depois, após ler alguns manuscritos da escritora, comprou os direitos autorais de um livro dos quais existiam apenas algumas páginas escritas. Exatamente nove meses depois, era realizado no Palácio Cruz e Souza o lançamento do livro ‘Dança da Canoa’ que inseriu definitivamente Fabiana Sandri no seleto grupo de autores de destaque de Santa Catarina. O livro alcançou ampla repercussão e contou com lançamentos em Itajaí, Curitiba e na Bienal do Livro, em São Paulo.

Justamente nesta época Fabiana voltou a residir em Itajaí e tornou-se membro fundadora da Academia Itajaiense de Letras, tendo como patrono a primeira mulher eleita para a Academia Catarinense de Letras, Maura de Senna Pereira. Também foi sócia-fundadora da União Brasileira de Escritores – Subseção de Santa Catarina (UBE/SC).

Em 1997, por conta do sucesso de ‘Dança da Canoa’, recebeu o ‘Prêmio Revelação’, concedido pela Academia Catarinense de Letras. Nos últimos três anos, a escritora tem sido escolhida por estudantes do Colégio Energia como autora catarinense selecionada para estudos que avaliam a vida e a obra do autor, além de assistir a dramatização de ‘Dança da Canoa’, por alunos do educandário.

Atualmente, Fabiana trabalha como voluntária do programa ‘Amigo da Escola’ junto a E.E.B. Gaspar da Costa Moraes, no bairro Fazenda, onde desenvolve uma Oficina de Literatura com alunos de primeira a quarta séries. Em Itajaí, lamenta profundamente que, com exceção da Época do Shopping, as livrarias não se empenham em disponibilizar ao público uma estante somente com obras de autores catarinenses.

Fabiana revela que o gênero que escolheu, o romance, é uma área complexa da literatura, onde os personagens têm que ser alimentados, vestidos e tratados como seres reais. ‘Mas é fascinante o poder que o escritor exerce sobre sua obra, podendo manipular o personagem e as circunstâncias a seu bel-prazer mas, apesar disso, acaba se comprometendo com ele’, afirma.

A boa nova é que, nesse momento, Fabiana está empenhada na elaboração de um novo romance, que acredita poder lançar até o final do ano que vem. Se depender de seus trabalhos anteriores o público leitor pode esperar mais uma obra de rara beleza e sucesso garantido. Publicou:

- Extermina-se Mundo Meu. Florianópolis: autora, 1987.
- Dança da Canoa. Florianópolis: Papa-Livro, 1997.
- 96 horas – biografia romanceada de Dalmo Ladwig. Blumenau: Nova Letra, 2006.
- Do lado de dentro. Blumenau: Nova Letra, 2005.

EDITE EDELTRAUD POST ALVES

TRABALHO PELA POPULARIZAÇÃO DA LITERATURA

[FLORIANO, Magru. *Edite Edeltraud Post Alves – trabalho pela popularização da literatura. Literatura Papa-Siri*, n.26, p. 21-22, ago. Itajaí: Alternativa Editora. 2003. Alterado em jul/2022]

Autora de livros na área técnica, Edite Edeltraud Post Alves é entusiasta maior da popularização da literatura, com acentuada atuação no sentido de disponibilizar o acesso de todas as pessoas às obras literárias. Basta lembrar seu empenho na elaboração do projeto e, desde a fundação, sua atuação como diretora da Biblioteca Pública Municipal e Escolar Norberto Cândido Silveira Júnior, de Itajaí, que hoje atende uma média de 12 mil pessoas todo o mês.

Nascida em Blumenau no dia 05 de fevereiro de 1949, fixou residência em Itajaí no ano de 1983. Ainda em Blumenau, foi professora estadual do ensino fundamental (1969-1979). Foi auxiliar de biblioteca em Blumenau e Florianópolis, auxiliar da Biblioteca Piloto da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina – Florianópolis (1975-1978), bibliotecária da Universidade Federal de Santa Catarina (1977-1979), bibliotecária e diretora do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo – Setor de Informação e Documentação, entre os anos de 1979 e 1981.

Foi membro do Comitê de Publicação do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (Embrapa), sendo responsável pela revisão da Língua Portuguesa das publicações técnico-científicas da Embrapa; revisão segundo as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) das publicações técnico-científicas; e indicação e seleção para aquisição de obras bibliográficas para a Embrapa.

Participou do Conselho Editorial do jornal cultural ‘O papa-siri’ (1997), ocupou o cargo de assessora especial da Fundação Cultural de Itajaí entre 1998 e 1999, período em que, entre outros projetos, desenvolveu o programa ‘Sala de Leitura do Presídio de Itajaí’.

Em 1997, tornou-se membro-fundadora da Academia Itajaiense de Letras, ocupando a cadeira de número 04, cujo patrono é Cônego Raulino Reitz. Na Academia de Letras, exerceu o cargo de secretária na primeira diretoria (1997-99) e, por duas

vezes foi bibliotecária (1999-2001 / 2001 – 2003). Apesar de ainda não possuir uma obra eminentemente literária de sua autoria, Edite assina a revisão de diversos livros de autores regionais, contribuindo sobremaneira pela edição de obras que tendam as exigências gramaticais da Língua Portuguesa. A própria revista ‘Literatura Papa-Siri’, em suas primeiras edições, contou com a ativa participação de Edite Edeltraud Post Alves na condição de revisora. Publicou:

- Bibliografia brasileira de cevada “Hordeum Vulgare”. Brasília: Embrapa/DID, 1980.
- Bibliografia internacional de colza “ Brassica Campestris e Brassica Napus”. Passo Fundo: Embrapa/CNPT, 1981 [co-autoria de M.S. Wiggers]
- Bibliografia internacional de “elasmopalpus ligno-sellus”. Brasília: Embrapa/DID, 1983.
- Bibliografia brasileira de trigo. Passo Fundo: Embrapa/CNPT, 1981 [coautoria M.S. Wiggers e O. de Rosa].
- Classificação decimal de Melwil Dewey.

TEXTOS DIVERSOS

PUBLICADOS NA REVISTA LITERATURA PAPA-SIRI

CORDEIROS

[FLORIANO, Magru. *Cordeiros*. **Literatura Papa-Siri**, n.5, p. 07, jul. Itajaí: Alternativa Editora. 2001. Alterado em jul/2022]

ali, onde o rio faz a curva para desviar do sol
que morre lento, coberto de vermelho
ali, é Cordeiros!

o barco risca o rio
a balsa transporta olhares
os ônibus, vermelhos,
vomitam braços de trabalhadores exaustos
que mal percebem a beleza que há em sua volta
na volta cotidiana do trabalho.

ali, é Cordeiros!
cidade-dormitório dos corpos cansados dos homens
e do próprio sol
que ali deita manso na companhia dos justos.

o sol que é companheiro dos fortes
é solidário, também, na hora do sono.
ali, onde sol e homens deitam corpos cansados
ali, é Cordeiros!

TEMPO

[FLORIANO, Magru. *Tempo*. **Literatura Papa-Siri**, n.6, p. 05, ago. Itajaí: Alternativa Editora. 2001. Alterado em jul/2022]

ando pelas ruas da cidade
sem rumo
sem intenções

passo, e deixo o tempo passar
a cada passo um pouco mais

ando pelas ruas da cidade
deixando tudo passar:
eu
a cidade
o tempo.

SOLIDÃO

[FLORIANO, Magru. *Solidão*. **Literatura Papa-Siri**, n.7, p. 12, set. Itajaí: Alternativa Editora. 2001. Alterado em jul/2022]

contraditoriamente a multidão estava só
ela, com seus milhares
rumando para o consumo
só
desenvolvendo-se maquinalmente
como que abandonada à própria sorte
só
ela com seus milhares
em fila, dispersos, amontoados ...
só!

a multidão estava só!

TARRAFAS NO ITAJAÍ-AÇU

[FLORIANO, Magru. *Tarrafas no Itajaí-açu*. **Literatura Papa-Siri**, n.11, p. 19, jan. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

Dia desse fui caminhar na beira-rio de Cordeiros. Pretendia andar no máximo por uma hora mais, simplesmente não deu. Foi impossível resistir ao ambiente que ali encontrei. Já nas escadarias que margeiam a Reinaldo Schmithausen encontrei vários pescadores que, com varas ou linhas de mão, retiravam com relativa facilidade uma boa quantidade de peixes miúdos das águas calmas do Itajaí-açu. Em toda sua extensão podiam ser vistas muitas varas coloridas, com os pescadores fazendo arremessos calculados, enquanto conversavam descontraídos sobre tudo e sobre nada.

No meio do rio, outros pescadores, em pequenas bateiras, tarrafeavam, tendo a companhia sempre vigilante de umas poucas gaivotas e biguás. Todos se alegravam quando uma tainha fazia a malha da tarrafa pulsar como se fosse um coração apaixonado. A sorte de um, era a alegria de muitos. Pescar está tão enraizado em nossa cultura que não são poucos, como eu, que vão para beira-rio sem caniço e tarrafa com o único objetivo de assistir as pescarias. Já é diversão suficiente acompanhar a luta entre o peixe e o pescador e ouvir as histórias que sempre são lembradas nestes momentos. Algumas verdadeiras, a maioria pura mentira de pescador, mas nem por isso menos interessantes.

Chegando ao terreno do antigo terminal da Shell, o espetáculo tornou-se ainda mais extraordinário. Cerca de dez pescadores se revezavam no píer para jogar, com arte e graça, suas tarrafas. O abrir das tarrafas é, por si só um espetáculo por todos muito admirado e comemorado. Agora, se o pescador, além de destreza e arte, mostrar sorte, aí o grupo ovaciona, bate palmas, comemora, dá tapinhas nas costas. É uma festa.

O que se pesca no Itajaí-açu? De tudo um pouco: espada, robalo, canguá, pescadinha, guaivira, carapeva, siri, bagre e tainha. Nos últimos tempos passou a ser comum a pesca da tilápia. Nesta manhã de sábado, vi uma tilápia de quase um quilo enroscada na tarrafa de um pescador, que diante do meu ar de espanto, fez cara de desprezo e sentenciou: *‘Isso é comum. Tem muita tilápia no rio. Qué vê no Itajaí-mirim’*.

Lembrei, então, de Juventino Linhares que em algumas de suas crônicas enaltecia o quanto o rio Itajaí-açu era piscoso nesse começo de século. *‘...outro produto de grande exportação naquela época era o bagre escalado, do qual se faziam grandes pescarias nas margens do Itajaí-açu ... Hoje não se pode fazer ideia da enorme quantidade desses peixes, que eram apanhados aos milhares, em grandes lanços de rede, como ainda acontece hoje com a tainha. Pescaria houve em que numa só redada, foram retirados 40 e até 50 mil bagres.’*

Lembrei, também, que ainda esta semana tive uma conversa com o prefeito Jandir Bellini, na qual ele comunicou que já decretou de utilidade pública toda a área pertencente à Shell. A ideia é ampliar o Parque Náutico Odílio Garcia e fazer um grande centro de lazer no local. Medida mais do que acertada, pois como disse na oportunidade meu amigo Moléri: *‘Itajaí é água. Tudo o que os itajaienses e os turistas querem é água’*. Precisa dizer mais alguma coisa?

PRINCESA

[FLORIANO, Magru. *Princesa*. **Literatura Papa-Siri**, n.12, p. 18, fev. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

enquanto dormes
Marisa Monte canta baixinho
em um canto escuro da sala
e a lua brilha sorridente
guardando teu sono e sonhos.

enquanto dormes
violetas florescem
e rosas, no jardim,
exalam perfume
protegendo teu corpo e desejos.

enquanto dormes
fico quieto, observando ...
pele suave
cabelos ondulados
fico guardando amor e paixão.

enquanto dormes
eu e as flores
cuidamos de ti.

ANGÚSTIA

[FLORIANO, Magru. *Angústia*. **Literatura Papa-Siri**, n.13, p. 12, mar. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

angústia!
busco no dicionário seus sinônimos
busco na vida seus motivos.

angústia!
meus versos choram por mim
cada letra é uma lágrima
cada palavra, triste gemido
expressão de dor e devaneio.

LINHA DO TEMPO

[FLORIANO, Magru. *Linha do tempo*. **Literatura Papa-Siri**, n.16, p. 08, jun. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

o passado é uma fotografia
em preto e branco
onde todos – indistintamente
estão felizes

o futuro é uma garoa suave – e intermitente
que insiste em nos encharcar de esperança.

o presente. Ah! O presente!
este não é nada, simplesmente

O OUTRO LADO

[FLORIANO, Magru. *O outro lado*. **Literatura Papa-Siri**, n.19, p. 18, set. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

as sombras
são metade de todos nós.
precisamente aquela metade
que escondemos diante do espelho
que evitamos na porta da igreja
que desrespeitamos nas camas de prostíbulos
que buscamos para nos enaltecer
que pisamos para não juntar
que negamos

PAPA-SIRI

[FLORIANO, Magru. *Papa-siri*. **Literatura Papa-Siri**, n.21, p. 23-4, nov. Itajaí: Alternativa Editora. 2002. Alterado em jul/2022]

sou papa-siri
 nasci pelos lados do São João
 e aprendi a nadar no Itajai-açu
 cabeçudas tinha água límpida
 o carro-de-mola era o táxi
 que meu avô Doca conduzia com orgulho e cerimônia

sou papa-siri
 nasci entre as pilhas de madeira da Castelli-Pasini
 entre galpões que perdia de vista.
 no caminho até o Salesiano
 meus passos seguiam para o porto
 com seus navios carregados de madeira
 e tratores como se fossem formigas
 da rua Blumenau corriam furtivos becos e ruelas
 que abrigavam os prostíbulos.

Itajaí!
 os teus sons guardo na memória: o apito do trem
 os apitos de todos os navios deixando o porto
 o badalar do sino da igreja matriz anunciando a ‘hora do ângelus’
 as sirenes das madeireiras
 encerrando mais um dia de trabalho
 peixeiros em suas bicicletas
 ou com carrinhos-de-mão cobertos com folhas de bananeira
 berrando ‘olha o charuto!’

Itajaí!
 os teus gostos guardo na memória:
 charuto frito
 farinha de mandioca para o pirão escaldado
 a raspa do tacho da polenta
 e o musse de mamão verde da vó Zulmira.

Itajaí!
 o que guardo na memória
 é uma certeza completa
 de que aqui ... aqui, eu fui feliz!

FINAL DE TARDE EM CORDEIROS

[FLORIANO, Magru. *Final de tarde em Cordeiros*. **Literatura Papa-Siri**, n.25, p. 04,
jul. Itajaí: Alternativa Editora. 2003. Alterado em jul/2022]

e neste final de tarde
quando dezembro se refresca
na chuva arcada pelo vento forte
 e, este vento, despe o flamboyant
 jogando sua veste avermelhada ao chão
nada mais quero
nada mais desejo

estou sentado
na velha cadeira-de-balanço
que meu pai trouxe de Tijucas
há muitas décadas de saudades
na varanda de uma pequena casa
de frente para o sol que se põe vermelho
por trás das árvores e ruas de Cordeiros.

HÁLITO PODRE

[FLORIANO, Magru. *Hálito podre*. **Literatura Papa-Siri**, n.26, p. 14, ago. Itajaí: Alternativa Editora. 2003. Alterado em jul/2022]

adeus, amor!
estou indo morrer na esquina
sentado na mesa do Bar do Dinho
em companhia de bêbados, drogados e prostitutas.

vou morrer na esquina
respirando o hálito dos párias.

adeus, amor!
estou indo morrer na esquina
tomando cerveja, jogando dominó
longe de livros e burgueses
sem o banho tomado ou a barba feita
dentes escovados e perfume do Boticário.

e pra não pensares que esqueci de ti
na primeira gaveta do meu criado mudo
deixo saudades ...

SUBVERSÃO

[FLORIANO, Magru. *Subversão*. **Literatura Papa-Siri**, n.27, p. 04, set. Itajaí: Alternativa Editora. 2003. Alterado em jul/2022]

há pressa em se ter pressa
corremos apressados
pressionados pelos ponteiros de um relógio que tudo pode
e tudo exige
os homens, como bichos acuados
correm no ritmo dos ponteiros
de um cotidiano que não tem fim ou sentido.

e ...
como guerrilheiros futuristas
ficamos à espreita
roubando da vida alguns momentos
dos dias furtamos segundos
na esperança de um dia vive-los com toda a intensidade
de quem já não precisa ter qualquer pressa

há subversão em não se ter pressa!

A DOR DE PERCEBER

[FLORIANO, Magru. *A dor de perceber*. **Literatura Papa-Siri**, n.28, p. 16, out. Itajaí: Alternativa Editora. 2003. Alterado em jul/2022]

minha infelicidade falou mais alto
do que os meus hábitos cotidianos:
não fui em casa almoçar
não fui em casa te ver
... as paredes de sempre e seus objetos

na mesa de um restaurante
que me permaneceu anônimo
fiquei vasculhado nosso cotidiano em busca de algo sensato
de alguma coisa que tivesse valido a pena.

encontrei tecidos rotos, pedaços disformes
uma grande colcha de retalhos – cerzida com lágrimas

a colcha do que fui cotidiano ...
agora, um pouco mais infeliz por perceber.

UM DIA CHOVEU

[FLORIANO, Magru. *Um dia choveu*. **Literatura Papa-Siri**, n.31, p. 04, fev. Itajaí: Alternativa Editora. 2004. Alterado em jul/2022]

não troquei
 mas troca houve:
 bolinha de gude por equações matemáticas
 luta de espada, cabanas, bandido e mocinho, pega-ladrão
 por aulas de ciências.

não troquei
 mas troca houve ...
 e chapinhar as poças d'água formadas no meio da rua
 por uma enxurrada de final de tarde
 passou a ser apenas um pensamento
 daquele menino – triste menino
 preso a uma sala de aula

minha rebeldia, então, era olhar a chuva
 caindo macia lá fora
 e segredar para mim mesmo
 mem mansinho – como que conspirando
 matemática? Ah! Essa eu não aprendo nem me matando!

FELICIDADE

[FLORIANO, Magru. *Felicidade*. **Literatura Papa-Siri**, n.32, p. 06, mar. Itajaí: Alternativa Editora. 2004. Alterado em jul/2022]

a prostituta sorria
 e o homem sem rosto e sem nome também ...
 felizes, os dois, esperavam o almoço
 numa mesa de bar, no canto da vida
 ele sem nome
 ela sem lar
 felizes!

VERBO

[FLORIANO, Magru. *Verbo. Literatura Papa-Siri*, n.34, p. 13, jun. Itajaí: Alternativa Editora. 2004. Alterado em jul/2022]

como poeta
 durmo sobre letas
 cubro-me de palavras
 sonho frases e versos

e nada há nas noites
 frias de inverno, então
 que me traga temor ou impaciência

como poeta
 a vida transformo em verbo!

GALHOS SECOS

[FLORIANO, Magru. *Galhos secos. Literatura Papa-Siri*, n.37, p. 18, ago. Itajaí: Alternativa Editora. 2004. Alterado em jul/2022]

em cada esquina de minha cidade
 próximas a canteiros bem cuidados
 vejo crianças com mãos estendidas
 pedindo um pouco da atenção que dispensamos às flores

minha cidade
 aduba terra para ver flori begônias e azaléias ...
 e joga no meio da rua crianças rotas, rudes
 ... de olhares famintos

tristes esquinas
 cenários de contraste:
 flores cuidadas, crianças largadas
 cepas abortadas no útero civilizatório.

DOAÇÃO

[FLORIANO, Magru. *Doação*. **Literatura Papa-Siri**, n.39, p. 23, out/nov. Itajaí: Alternativa Editora. 2004. Alterado em jul/2022]

não me peçam esmolas
porque só sei me dar por inteiro

não me peçam moedas
porque sou todo emoção

não me peçam ...
porque há muito me doei ao mundo

portanto, nada mais tenho
senão amor.

VERSOS PÓSTUMOS

[FLORIANO, Magru. *Cordeiros*. **Literatura Papa-Siri**, n.40, p. 10, dez. Itajaí: Alternativa Editora. 2004. Alterado em jul/2022]

morri ontem
ao entardecer da minha vida tardia

morri por pura distração
ou – quem sabe até
por simples falta de motivação

morri ontem
mas volto a escrever hoje
porque ser poeta está em mim
para além da discussão sobre física e metafísica
corpo e alma, vida e morte

morri ontem
meu verso / verbo é hoje!

INSPIRAÇÃO

[FLORIANO, Magru. *Inspiração*. **Literatura Papa-Siri**, n.41, p. 15, mar. Itajaí: Alternativa Editora. 2005. Alterado em jul/2022]

o relógio marca duas horas, quarenta e um minutos
meus olhos abertos esquecem do sono

pela casa há sonhos por todos os cantos
e o silêncio da madrugada
faz brotar versos

palavras escorrem por páginas brancas
enquanto as horas bocejam
segundos e tédio.

PROLE MULTIMIDIA

[FLORIANO, Magru. *Prole multimidia*. **Literatura Papa-Siri**, n.42, p. 14, jun. Itajaí: Alternativa Editora. 2005. Alterado em jul/2022]

pluguei meu filho na Internet
ele saiu pelo mundo afora
pulando na ponta dos dedos de suas mãos

tivesse nascido em outros tempos
estaria jogando bola na rua ou nos campinhos de cepilho
tomando banho de chuva
e chapinhando com os pés nus
as águas represadas no canto da rua
em um final de tarde de verão

agora a chuva é virtual
assim como serão os filhos
logo ali na frente.

PARTIDA INDESEJADA

[FLORIANO, Magru. *Partida indesejada*. **Literatura Papa-Siri**, n.44, p. 05, ago. Itajaí: Alternativa Editora. 2005. Alterado em jul/2022]

uma mala preta no canto escuro do quarto
cheia de saudades
ensaia acenos tímidos de despedida

sei que estás de partida
pretendendo voltar
mas, a volta faz voltas, morena
deixando o tempo a esperar

se pudesse dizer o que penso
o que sinto ...
diria seco: não vá!

SHOPPING CENTER

[FLORIANO, Magru. *Shopping center*. **Literatura Papa-Siri**, n.45, p. 05, out. Itajaí: Alternativa Editora. 2005. Alterado em jul/2022]

angústia, tédio
não há sentido, sequer propósito em se viver
quando diversão é shopping center e televisão

a vida abandonou a todos
sem nos dizer dos seus porquês.

o homem se desfaz da vida
ao entrar no shopping center
para ver o último filme vencedor de um Oscar
morto de si, morto de intenções
sobra a alguns poucos sentirem-se angustiados
angústia de ter a garganta seca
em uma existência seca

tédio!
segunda-feira longa nos esperando nos cantos da vida
temos compromissos, faltam-nos propósitos

quando saberemos viver?

MORRO DA CRUZ

[FLORIANO, Magru. *Morro da Cruz*. **Literatura Papa-Siri**, n.549, p. 22, mar. Itajaí: Alternativa Editora. 2006. Alterado em jul/2022]

da janela do Edifício Liberty
olho em direção ao Morro da Cruz
e lembro das caminhadas
dos piqueniques de minha infância

era um morro vestido pelo manto real
- verde, em vários tons
da Mata Atlântica.

da janela do Edifício Liberty
olho para o Morro da Cruz
e vejo em seu cume uma coroa de antenas de tevês e rádios
com ferros pontiagudos cravados na terra
fazendo jorrar sinais eletrônicos
como a coroa de espinhos sangrando Jesus no calvário

Morro da Cruz - que cumpre a sina de Jesus:
uma coroa encravada na cabeça
e uma cruz por carregar
enquanto, passiva, a cidade olha

PÁGINA EM BRANCO

[FLORIANO, Magru. *Página em Branco*. **Literatura Papa-Siri**, n.50, p. 24, abr. Itajaí: Alternativa Editora. 2006. Alterado em jul/2022]

sua face
qual botão de rosa ainda a desabrochar
há em ti
tempo – espaço para tudo fazer ... e desfazer

há lugar para sonhar
e cantos para abrigar lágrimas e letras

virginal planície
útero de poeta
nascidouro de emoções
abrigo!

CUMPLICIDADE

[FLORIANO, Magru. *Cumplicidade*. **Literatura Papa-Siri**, n.53, p. 16. set. Itajaí: Alternativa Editora. 2006. Alterado em jul/2022]

sou cúmplice de mim mesmo
por tudo o que não sou
ou deixo de ser

fútil, banal, cotidiano
aceito meus defeitos para continuar vivendo

vida: pacto medíocre
entre a futilidade e o permanecer.

PRIMAVERA LÚGUBRE

[FLORIANO, Magru. *Primavera lúgubre*. **Literatura Papa-Siri**, n.58, p. 08, mar. Itajaí: Alternativa Editora. 2007. Alterado em jul/2022]

adiou, até onde pode
tombar sobre a terra úmida
vazia de húmus
na ausência do seu corpo

agora, que deitou inerte sobre a terra paciente
o húmus de sua carne faz florescer azaléias

adiou, no que pode, um final de flores
mas, eis que as flores
já preparam a primavera da sua carne
afinal, homem, és apenas húmus
que da terra faz florescer azaléias.

ÊXTASE

[FLORIANO, Magru. *Extase*. **Literatura Papa-Siri**, n.59, p. 06, mai. Itajaí: Alternativa Editora. 2007. Alterado em jul/2022]

nada ...
além de sussurros.

é o que resta
depois do beijo
do desejo desfeito em realidade.

PEGADAS NA AREIA

[FLORIANO, Magru. *Pegadas na areia*. **Literatura Papa-Siri**, n.68, p. 18. Itajaí: Alternativa Editora. 200[.]. Alterado em jul/2022]

é inverno ...
o sol teima em dar forma a tudo
enquanto o vento faz flutuar
mais uma folha que também teima em querer cair

as folhas secas e avermelhadas
caem silenciosas sobre a areia esquecida da Praia de Cabeçudas
aqui, onde a natureza contempla a si própria
a vida harmoniza até na morte dos elementos
- uma folha que cai.

ao longe
um barco pesqueiro adentra á barra do rio Itajaí
um pescador segura sua carretilha na espera ...
enquanto o mar bate cadenciado na areia complacente

aqui estou eu ...
penso e falo comigo
eu, mostrando a mim mesmo minhas verdades e mentiras
há um enfrentamento: dúvidas e contemplação
vou me marcando com ideias
como marco com o formato dos meus pés descalços
a areia flébil de Cabeçudas.